

A BUSCA PELO ARTIFICIAL
NUMA CULTURA DE APELOS

Grande Reportagem
Conclusão do Curso de Jornalismo
Universidade Federal de Santa Catarina

Aluna: Mariana Dauwe

Florianópolis, abril de 2003

*À minha mãe, Ana Maria
cujo amor nunca viu fronteiras,
e me criou livre para ultrapassá-las.*

Abril de 2003. O mundo assiste ao fim de uma rápida investida americana no Iraque, que resultou na queda do regime ditatorial de Saddam Hussein. A propaganda militarista, sustentada por George W. Bush e seus aliados, declara a vitória do “bem” sobre o “mal”. Mas a luta continua: é preciso combater os inimigos dos países vizinhos, os potenciais terroristas que assombam o sonho americano e seriam, nessa visão, o grande mal do novo milênio.

Há três décadas, em plenos anos hippies, o presidente Richard Nixon declarava uma outra guerra, que tomou proporções gigantescas e se estende até os dias atuais: a “Guerra às Drogas”, que direcionava toda a fúria americana para o combate das substâncias ilegais, caçando e punindo os seus usuários. Em tempos anteriores à “guerra ao terrorismo”, eram as drogas que tiravam o sono das autoridades americanas. Rifles a laser, helicópteros e veículos armados viraram rotina nas inspeções policiais, e bilhões de dólares passaram a ser investidos anualmente na construção de prisões, programas de prevenção na mídia e nas escolas, e no combate ao Narcotráfico Internacional em países como a Colômbia, Bolívia e México. Era o governo americano lutando pela “integridade” do seu povo, alegando que o objetivo era manter a juventude longe das drogas, o grande “Mal” do século.

Outra luta do bem contra o mal? Assim como o terrorismo, também as drogas são consideradas até hoje inimigos do governo ianque, e a luta contra elas continua a pleno vapor nesse novo milênio. A “Guerra às Drogas” tem feito mais prisioneiros a cada ano, e torrado bilhões de contribuintes americanos numa causa que tem sido considerada, por muitos especialistas, como perdida: os Estados Unidos são, desde os anos 1960, os maiores consumidores de drogas do planeta.

Ambas as guerras, dadas as devidas proporções, são polêmicas dentro e fora dos Estados Unidos. Fracassarão eles no combate ao terrorismo como têm fracassado no combate às drogas?

Sem resposta para essa pergunta, faço um recorte da realidade numa cidadezinha pacata no sul da Califórnia, estado mais rico dos EUA. Estado que se tornou, ao longo do século XX, um dos cartões postais do país de Bush, consagrando suas estrelas de cinema e astros do rock numa devoção à indústria trilionária do entretenimento, palco de um estilo de vida onde o glamour é glorificado.

São histórias de alguns jovens e suas vidas de facilidade e experimentação, com acesso geral às tecnologias de ponta e ao dinheiro que compra os prazeres terrenos. Esses jovens isolados numa cidadezinha de tradição hippie não mais querem mudar o mundo como seus pais há trinta anos. Mais alienados, apesar da maré de informações a que têm acesso, esses jovens têm pelo menos um ponto em comum com os pais e tios da geração “paz e amor”: fazem uso freqüente das drogas.

São jovens cujos pais tiraram a roupa, um dia, entoando hinos de paz e desejando um mundo melhor para os seus filhos. São esses filhos que agora circulam pelo novo milênio, perdidos entre tanta informação e escolhendo as que melhor se encaixam nos seus ideais de liberdade. E é pensando nessas escolhas que faço esse recorte. Mais especificamente da maneira mais fácil de fuga, que tem acompanhado gerações e contra a qual o Império tem lutado há anos, em mais uma de suas guerras bilionárias: as drogas.

PARAÍÇOS ARTIFICIAIS À BEIRA-MAR

Inverno de 2002. O pôr-do-sol no mar, na praia principal de Laguna Beach – cidadezinha no sul da Califórnia – inspira seus artistas. Enquanto o sol se põe na costa oeste dos Estados Unidos – exibindo sem falsa modéstia o vermelho, amarelo e o cor-de-rosa –, violeiros compõem canções diversas, sentados na grama em frente à praia, e crianças loiras correm do playground em direção ao mar, desviando das moças em roupa de ginástica que fazem seu cooper de toda tarde. A menos de vinte metros dali, o velho de cabelos longos presos num rabo de cavalo se abstrai do que acontece em volta e pratica seu ritual diário de yoga. O sol é engolido pelo mar, mas fica registrado em aquarela pela meia dúzia de pintores que não se cansam da paisagem de Laguna, e de seus finais de tarde indescritíveis.

Inverno de 1970. O pôr do sol era observado pelos hippies que, sentados na grama da praça, fumavam seus cachimbos da paz. Eram tempos loucos nos Estados Unidos: o presidente Richard Nixon ordenava a a invasão do Cambodja, gerando massivos protestos pacifistas. O Orange County – região onde fica Laguna – ainda mais conservador do que hoje, colocava as escolas sob alerta “anti-agitação popular”, advertindo da influência comunista nas manifestações pela paz do mundo. Os hippies eram execrados pela imprensa. O jornal local *Register*, que circula em Laguna Beach e redondezas, dizia: “Perfil de um hippie: fuma maconha, não tem emprego”, com a descrição a seguir: “A maioria dos hippies usa drogas alucinógenas, vive fora do casamento, não tem qualquer meio visível de sustento, acha que o sistema não tem fundamento, e gosta de inventar suas próprias leis, o que eles chamam de ‘Unidos num estado de fraternidade pela paz’” (*Register*, 12 de dezembro de 1970)

A chamada “invasão hippie de Laguna” chamou a atenção nacional no ano de 1970 por acontecer justamente naquela cidade do sul da Califórnia, cuja concentração de riquezas determinava o perfil conservador da região. Nos dias que antecederam o Natal daquele ano, Laguna começou a ser “invadida” – verbo usado pela imprensa local – por milhares de hippies do país inteiro, num festival que ficou conhecido como “*The Great Christmas 1970 Hippie Invasion of Laguna Beach*” e é lembrado com saudade por alguns moradores locais.

“Estávamos acostumados a ver os hippies pela cidade”, conta Carol Sheridan, de 55 anos. “Mas em dezembro daquele ano começaram a aparecer mais e mais. Você dirigia até a praia principal e havia hippies em todas as esquinas. E, no dia seguinte, os mesmo grupos ainda estavam lá, mas tinham aumentado, se multiplicado.”

Atraídas por cartazes espalhados país afora, e por anúncios em publicações alternativas, milhares de pessoas começaram a chegar à pequena Laguna, de carro, a pé ou de carona. Esse foi o início do festival que durou três semanas e surpreendeu muitos moradores locais pela “audácia” dos seus participantes.

Carol, simpatizante dos hippies, guarda um recorte do *Register* de 23 de dezembro daquele ano: “Quería mostrar para os meus filhos, no futuro, as coisas que aconteciam por aqui antes deles nascerem”. A notícia começa assim:

“Um dia de Natal ‘*Come Together*’ organizado por hippies – originalmente descrito pela polícia local como ‘pouco organizado’ – pode vir a se tornar um concerto de *rock music* assistido por mais de 100.000 jovens...”

“Nas últimas semanas, jovens cabeludos locais têm organizado o ‘*Come Together*’, que tem sido anunciado em jornais *underground* dos Estados Unidos e de boca em boca...”

“A polícia local está trabalhando em turnos de 12 horas. Todos os policiais de Laguna Beach estão em alerta tático para o dia de Natal, e muitos servidores municipais estão convocados a colaborar...”

Carol lembra que o festival não foi nada organizado: “Acho que ninguém planejou o que iria acontecer. Mas no *canyon* [região de Laguna] os hippies estavam na maior concentração. Construíram um palco, instalaram eletricidade, com a ajuda de alguns moradores que estavam doando mantimentos e outras coisas. O dr. Atherton [médico local] montou uma tenda com serviços médicos gratuitos, junto a uma tenda de *bad trips* [pessoas que tinham experiências problemáticas com as drogas]”

O anúncio era de que haveria um “mini-*Woodstock*” em Laguna. Carol, na época com 22 anos de idade, circulou entre os participantes do festival encantada com o que acontecia em Laguna Beach. “As pessoas cantavam e tiravam a roupa, e dançavam, e todo mundo parecia feliz. Tinha gente de todas as idades, e o cheiro de maconha era constante. Havia um boato de que Joan Baez e Bob Dylan apareceriam para tocar lá... o boato se espalhou, mas infelizmente isso não aconteceu”, lembra.

O “*Come Together 1970*” em Laguna Beach ilustra o momento que a sociedade americana vivia desde o início da década de 1960, quando começou a “mudar de cara” através do movimento hippie e da liberação sexual, idéias que se espalharam aos quatro cantos e provocaram uma progressiva mudança de valores num país tão tradicionalmente puritano. A Califórnia viveu o clima como nenhum outro, e a escolha de Laguna para um festival da proporção do *Come Together* tem muito a ver com certa relação, ainda hoje existente no local, entre a natureza privilegiada e uma necessidade de libertação, por meio do amor livre (leia-se sexo em tempos pré-Aids) e do uso indiscriminado de drogas. O LSD surge nas conversas dos mais velhos – os pais dos jovens atuais – como parte da sua vivência e crescimento pessoal naqueles anos de transformação da sociedade, e a maconha ainda está presente vida de muitos deles. São os pais e mães maconheiros, tão comuns em Laguna Beach quanto os eucaliptos e as caminhonetes tamanho “G”.

A nova Laguna – Agora é um final de tarde no século 21, e profissionais engravatados param na sinaleira da avenida principal – e única – que passa junto à praia, a

conversarem no celular dentro de suas caminhonetes *extra large*. Estão aliviados por chegarem em casa, depois de um dia fechados em escritórios nas cidades vizinhas de Santa Ana, Anaheim e Costa Mesa. Alguns trabalham em Los Angeles – metrópole a 80 quilômetros ao norte – e saíram de lá há mais de hora e meia, porque a rodovia de cinco pistas não foi suficiente para evitar o engarrafamento que acontece diariamente no caminho dos que moram em Laguna e trabalham nas cidades vizinhas.

Laguna acolhe a todos: dos velhos e desapegados hippies – em vias de extinção – aos jovens yuppies, que acumulam milhares de dólares antes dos trinta anos de idade. Por ali desfilam surfistas, turistas, famílias inteiras e senhoras sozinhas, juntando do chão as cacas deixadas por seus cachorrinhos de raça. A cidade é assim: tão asséptica quanto cheia de vida, e os seus 26 mil habitantes têm pelo menos uma coisa em comum: estão acima da média mundial de riqueza. Morar em Laguna Beach é, cada vez mais, coisa para rico.

O aluguel mais barato numa casinha de um quarto, na cidade de 27 quilômetros quadrados à beira-mar, não sai por menos de 800 dólares. Não existem condomínios de apartamentos. O que se vê são, no máximo, casas grandes de aluguel com duas ou três improvisadas quitinetes. Ao contrário do conceito que temos de “morro” aqui no país dos favelados, morar no alto do morro de Laguna é também coisa de rico, como quase tudo o que acontece na planície.

Uma casa de praia nesta região da Califórnia pode custar mais de 10 milhões de dólares – quantia que não parece irreal para os habitantes locais. O Orange County é um dos locais considerados mais “nobres” da Califórnia – estado que constitui, sozinho, a quinta maior economia do mundo. Apesar do passado hippie, os detentores de poder econômico e suas famílias moram em casas de milhões de dólares, e destoam da mentalidade contracultural que foi característica da região nas décadas de 1960 e 1970.

A cidade é conhecida pela aversão dos seus antigos moradores ao crescimento e ao comercialismo: redes de *fast food* foram proibidas de ser instaladas na cidade, embora duas

delas tenham burlado a proibição e funcionem há anos sob o olhar feio dos que escolheram Laguna como refúgio da mentalidade capitalista que a circunda. Ilusão, porque com o passar dos anos ficou evidente que, pelo dinheiro e estilo de vida da sua população, a Laguna Beach do século 21 não passa de uma versão *hippie-chique* das cidades vizinhas do sul da Califórnia, parecidas entre si com seus restaurantes *fast food* e seus cidadãos que têm no “ganhar dinheiro” a grande aspiração. Lugar onde 92% da população se afirma “branca” e mais da metade mora em casas de valor estipulado maior que 500 mil dólares, de acordo com o censo realizado no ano 2000*. Nem com o apelo liberal dos anos de paz e amor o conservadorismo desta região da Califórnia se inverteu. Basta ver que nas últimas eleições presidenciais a maioria dos eleitores de Laguna Beach votou no republicano George W. Bush: foram 7.348 votos, contra os 6.497 do segundo candidato.

Paz na Terra – A cidade é considerada pelos moradores como um pedaço de paraíso isolado da realidade, ideal para criar filhos à beira da praia e distante da criminalidade dos grandes centros. Muitos deixam as portas e janelas das casas abertas dia e noite sem medo de serem assaltados: o índice de criminalidade é tão baixo que nem é considerado relevante.

Policiais vestidos de preto, com uma estrela dourada no peito e a inscrição “xerife” na traseira do carro têm pouco a fazer quando se trata de defender a paz e a ordem em Laguna, além de multar motoristas por pequenas infrações de trânsito e prender pessoas bêbadas. A lei proíbe consumir álcool em lugares públicos, e isso inclui as praias e outros pontos de encontro dos jovens locais. Essa lei – que vale para todo o estado da Califórnia – muitas vezes não é respeitada, e não é raro ver pessoas, principalmente nas praias mais desertas, bebendo cervejas em lata à vista de todos. É subentendido que a punição só vai ser aplicada se o álcool estiver sendo consumido sem discrição e causando constrangimento aos demais frequentadores do local.

* <http://lagunabeach.areaconnect.com/statistics.htm>

Baseada noutra lei, esta federal, é grande a fiscalização da venda de bebidas alcoólicas a menores de 21 anos, e um procedimento comum a todos os bares, boates e restaurantes é “carteirar” as pessoas: os jovens são requisitados a mostrar a carteira de motorista, documento que serve como identidade (“*They always card me at this place*”, dizem [eles sempre me “carteiraram” neste lugar]). A restrição ao tabaco também é grande: cigarros são vendidos apenas em *liquor stores* (lojas de bebidas alcoólicas) e alguns supermercados, e para comprá-los é preciso apresentar identidade provando que se tem mais de 18 anos. O preço é alto: U\$ 4 (aproximadamente R\$12) por uma carteira de Marlboro. É proibido fumar dentro de bares, boates e restaurantes. A intensa fiscalização faz com que os menores de idade tenham um acesso muito restrito a essas drogas legalizadas. Isso faz com que muitos deles considerem mais fácil adquirir drogas ilegais, como a maconha e as drogas sintéticas (ecstasy e metanfetaminas), que circulam entre amigos com relativa displicência.

CHANCE À PAZ

Moradores mais antigos se orgulham de ter tido, no começo dos anos de transformação, pelo menos um vizinho famoso: Timothy Leary, considerado “guru” do LSD, chegou em Laguna Beach em 1966, onde participou ativamente de movimentos anti-guerra do Vietnã e cantou “Give Peace a Chance” com John Lennon e Yoko Ono, que o apoiavam publicamente. Mas naquele tempo a repressão já era dura e Timothy estava sendo perseguido pelo governo americano, que não queria saber das idéias revolucionárias do doutor em Psicologia que fazia apologia ao uso do LSD e realizava experimentos científicos com a droga com seus alunos em Harvard.

Leary conheceu o LSD nos seus tempos como professor na conceituada universidade, e desenvolveu grupos de pesquisa sobre a droga – cujo uso defendeu até o fim dos seus dias – e sua aplicação no tratamento psiquiátrico de pacientes. Suas teorias geraram controvérsias: uma grande revolta da CIA e membros do governo e da Igreja, e uma legião de adeptos do uso do LSD, que Leary acreditava ser a “chave da transformação psicológica” humana.

Em 1966, Timothy descobriu em Laguna Beach o lugar perfeito para morar e continuar a fazer experiências com alucinógenos, além de pregar a “paz no mundo” com outros hippies locais. A polícia, porém, estava atenta aos passos do “guru do LSD” e ele foi preso no ano seguinte por porte de maconha, uma pena que na época não deveria ultrapassar seis meses de encarceramento. Sendo quem era, Timothy foi condenado a dez anos de prisão, de onde conseguiu escapar em 1970 e fugir para o Afeganistão onde deu continuidade às suas pesquisas.

MACONHA: SEMPRE POLÊMICA

Em novembro de 1996, a maioria dos eleitores californianos votaram a favor da chamada “Proposição 215”, que liberou o uso da maconha para fins medicinais no estado. Foram 56% dos eleitores votando pela liberação da droga para o tratamento de doenças, um número de votos que nem os presidentes Bill Clinton e George W. Bush receberam na Califórnia quando eleitos presidentes. Desde então, outros nove estados americanos seguiram o exemplo e aprovaram o uso da erva, desde que prescrito por um médico.

Essa lei, porém, bate de frente com a proibição federal de cultivo, posse e uso da maconha para qualquer fim. Nos Estados Unidos, país onde os estados são independentes na aprovação das suas leis, ser pego com a droga ainda dá cadeia, porque não há nada que invalide uma lei federal – e esta diz “não” à *cannabis*. Os números não mentem: no ano de 2001, 46,5% de todas as prisões por crimes relacionados às drogas se deveram a ela; há 723.627 cidadãos americanos atrás das grades por porte ou uso de maconha.

Essa contradição entre as leis tem gerado protestos, e a mídia ajuda a divulgar uma certa insatisfação de uma parcela da população com esta proibição federal, vez por outra televisionando passeatas organizadas por pequenos grupos de parentes de doentes terminais e simpatizantes da causa, em cidades como Los Angeles, San Francisco e San Diego. Inúmeros *sites* na Internet desafiam a resistência do governo federal à aprovação da maconha para fins medicinais, ou mesmo à liberação da droga para qualquer fim, sob a alegação de que o uso ilegal já é extremamente alto. Os defensores dessa causa acham que o país tem gasto muito dinheiro “caçando” os maconheiros e mantendo-os na prisão, enquanto poderia legalizar a droga – que muitos acreditam ser menos daninha que o álcool e o tabaco – e lucrar com os impostos que a comercialização renderia.

As mães de garotas como Katchen são aquelas que participaram ativamente da Revolução Sexual, dando início a movimentos de contracultura nos Estados Unidos nos anos da Guerra Fria. As mudanças de comportamento de toda uma sociedade presa às amarras do “capitalismo presbiteriano” se acentuaram durante a guerra do Vietnã, quando os norte-americanos se viram divididos entre a propaganda mentirosa do governo e a dura realidade de terem parentes e amigos morrendo nos campos de batalha sem um motivo aceitável. Nos anos hippies, a liberação sexual acompanhou uma revolução dos costumes que tomou grandes proporções nesta região do mundo, cujo clima, localização geográfica e economia eram propícios. As influências dos movimentos de contracultura ainda podem ser observadas hoje, quarenta anos depois.

Katchen é filha dessa revolução dos costumes, e não se esforça para se provar dona dos próprios atos, passados e presentes. É o futuro que a incomoda: está pensando em abrir uma floricultura e em parar de fumar cigarros. Aos 25 anos de idade, mora sozinha a 50 metros da praia, mas passa meses sem pisar na areia, por preguiça ou desinteresse. Professora de pré-escola num colégio judeu, Katchen nasceu e cresceu em Laguna Beach e inala a fumaça do seu *bong* com a mesma naturalidade com que ensina às crianças seus primeiros passos no mundo das letras. “Atualmente a única droga que eu uso é a maconha”.

No sul da Califórnia fumar maconha é mais socialmente aceito do que fumar cigarros. Katchen fuma os dois, sozinha e a qualquer hora do dia. Na verdade ela passa a maior parte do tempo sozinha, como se estivesse cansada de ser sociável: raramente sai à noite, e não lhe restaram muitos amigos desde os tempos de *college* (universidade). Deste, Katchen sente falta: estudou em Santa Barbara – norte da Califórnia –, onde há uma das melhores universidades do país, um *party college* na opinião generalizada dos jovens californianos. “Quem vai pra Santa Barbara sempre volta transformado. É praticamente

Enquanto isso, o uso da maconha permanece alto entre os jovens americanos, num sinal de que as campanhas de prevenção ao uso dela têm fracassado sistematicamente. De acordo com uma pesquisa de 2001 (*National Household Survey on Drug Abuse*), 83 milhões de americanos admitem já ter feito uso da substância, e mais de dez milhões fazem uso constante dela. Entre a população que tem entre 18 e 25 anos, 16% admitiram ter fumado maconha até um mês antes da entrevista, um número maior do que os anos anteriores: foram 13,6% em 2000 e 14,2% em 1999.

Esses números, porém, são nacionais, e podem não refletir a realidade de lugares como a bela Laguna, onde a legalização da maconha já existe de forma simbólica, e o uso muitas vezes começa em casa. Fumada em *bongs* (artefatos cilíndricos de vidro, com a parte de baixo arredondada, onde é colocada água) e *pípes* (cachimbos), a maconha está presente no cotidiano dos habitantes da cidade, de diferentes idades, mas sempre fumada longe da vista dos policiais. Por mais que a realidade conteste as leis, a punição é severa no país que vê na guerra a solução, mesmo quando o problema são as drogas.

UMA FILHA DA REVOLUÇÃO

Katchen Roberts adora falar. Sua eloquência é típica das garotas do sul da Califórnia, que vêem suas perspectivas de vida palpáveis: na maior economia do mundo, é fácil adquirir independência financeira. Essa facilidade de cuidarem sozinhas de suas vidas, libertando desde cedo seus pais da tarefa - e nem considerando delegá-la a um marido - gera uma pressão contrária. Morarem sozinhas, pagando as próprias contas, terem vida própria, com ou sem namorado: isso tudo não apenas é estimulado nelas desde crianças, mas mostrado como único caminho aceitável.

impossível sobreviver às festas sem usar qualquer tipo de droga. É esse o estilo do lugar, e se você está lá, está pedindo isso”.

Mas não foi na universidade que Katchen conheceu as drogas: aos dezesseis anos, a garota era viciada em metanfetamina hidrocloreídrica, droga estimulante mais conhecida no Brasil por metedrina ou “bolinha”. Em inglês, a droga em forma de cristais é chamada *speed*, por causa da velocidade do seu efeito e pelas reações que produz no sistema nervoso. Assim como a cocaína, o *speed* estimula os músculos, acelera o ritmo cardíaco, aumenta a pressão sanguínea e diminui o apetite do usuário. A pessoa que toma os cristais se sente confiante, ousada e sexualmente excitada. Nos Estados Unidos, a droga foi posta à venda como ingrediente dos inaladores para resfriados. Pouco depois tornou-se evidente que ela também podia ser usada como estimulante.

Katchen conheceu os cristais no seu último ano de *high school* (escola secundária). Começou a utilizá-la com duas amigas, em festas na casa de conhecidos. A substância lhe deu uma euforia inédita: “No começo eu me sentia muito bem, ficava sociável, falava com todo mundo. As primeiras vezes que fiz uso do *speed* foram maravilhosas, achava que tinha descoberto a cura de todos os males. Parei por uns tempos de fumar maconha, porque ela me deprimia; o *speed*, por sua vez, me fazia ter vontade de falar, dançar, e eu ficava acordada por horas: era a droga perfeita.” Tal era a sensação de bem estar de Katchen sob o efeito do *speed* que passou a utilizá-lo em casa, sozinha: “Gostava de tomar à noite, no meu quarto, para ver televisão ou ficar ouvindo música. Também me ajudava a estudar: sob o efeito do *speed* eu passava horas concentrada nos meus livros, por isso ele era um aliado importante na época dos exames.” O fato de estar indo bem no colégio a estimulava a continuar consumindo os cristais, e Katchen passou pelo menos seis meses fazendo uso diário deles.

Outro fator que estimulou a garota de 16 anos a transformar o *speed* num hábito diário foi perceber que a droga lhe tirava a fome e ainda lhe dava energia para enfrentar

uma rotina de atividades físicas. “Eu não via nenhum mal em usar uma coisa que me ajudava a estudar e ainda por cima controlava minha ansiedade em comer. Nunca fui uma adolescente magra, e isso me deprimiu por muito tempo; mas naquela época eu frequentava a academia quase todos os dias, e a droga me ajudou a emagrecer bastante. Muitas vezes eu passava mal, vomitava mesmo, achava que estava me passando no *speed*... mas no fundo eu gostava: vomitar me emagrecia, e a sensação de estar magra era inigualável”, confessa a garota.

Mesmo com tal transformação, os pais de Katchen nunca conversaram com a filha a respeito. “Eu dizia para minha mãe que estava de regime, e ela admirava minha força de vontade. Acho que fingia que não via que tinha algo mais, ou achava que não estava certo falar comigo a respeito, já que eu nunca a critiquei por cheirar cocaína”.

Katchen conta que na época – metade dos anos 1990 - o uso do *speed* era muito difundido entre as adolescentes como ela, e no intervalo de almoço, era comum encontrar grupos de garotas utilizando a substância no banheiro do colégio. “Era uma droga para meninas. E estava na moda”, sorri, lembrando dos seus dias de fiel consumidora.

O *speed* é uma droga de meninas, na opinião da ex-usuária, por ser inibidora de apetite. Mais do que uma moda que inspira o raquitismo entre as garotas que querem ser felizes, a pressão social por um corpo magro no sul da Califórnia chega a extremos. Meninas como Katchen e suas colegas de banheiro na hora do almoço fazem uso constante de pílulas de emagrecimento e de cigarros para comerem menos do que seria de se esperar de jovens em fase de crescimento. Nesse contexto, o *speed* encontra um amplo mercado consumidor, interessado em seguir o padrão de beleza difundido pelo cinema hollywoodiano e suas atrizes artificialmente magras.

Seguindo os passos - “Meus pais sempre usaram drogas”, sorri Katchen quando indagada sobre a orientação que recebeu em casa a respeito delas. E segue contando que isso nunca foi segredo: lembra da primeira vez que abriu a porta do quarto dos pais e viu a

mãe debruçada na penteadeira, olhando para a própria imagem no espelho, vestígios do pó branco sobre a mesa. “Eu sabia que ela fazia com certa frequência, e que se fechava no quarto para isso. Eu só não sabia o que era, exatamente”. Katchen tinha, na época, cinco anos de idade.

A descoberta veio alguns anos depois, quando viu uma propaganda anti-drogas veiculada pelo governo na televisão. “Eles mostravam essa gente numa festa, cheirando o mesmo pó branco, sangue saindo pelo nariz de uma mulher, e uma mensagem assustadora que eu não me lembro mais qual era. E aquilo era tão diferente da minha mãe, uma mulher tão bonita, uma professora primária.”

Não demorou muito para que Katchen compreendesse o hábito da mãe, e trocasse impressões com as amigas no colégio sobre as campanhas anti-drogas na mídia e na escola, cuja mensagem não correspondia à realidade observada nas suas próprias famílias. “É muito comum, por aqui, pais que usaram drogas nos anos 70 e hoje não usam mais, mas não fazem isso segredo entre seus filhos. Muitos deles fumam maconha até hoje, outros são consumidores de cocaína, mas não fazem da questão um tabu. Você pode entrevistar a minha mãe, se quiser, e ela vai falar do assunto com a mesma naturalidade do que eu”, diz Katchen.

Foi com os pais que a garota fumou o primeiro baseado. “Meu pai era um fumante inveterado de maconha (*heavy pot smoker*).” Quando eu tinha 14 anos ele descobriu que eu estava fumando cigarros e me aconselhou a não começar com isso, antes que se tornasse um hábito, porque faz muito mal à saúde. Tempos depois estávamos fumando maconha juntos: quanto a isso, ele nunca se opôs.”

Nos fins de semana o pai de Katchen fumava na sala de estar com os amigos, as crianças correndo pela casa. A garota cresceu acostumada à maconha e acha natural que a tenha experimentado com os pais, uma vez que estes nunca esconderam o fato de que eram usuários e acreditavam nos benefícios da erva. Ela também sempre soube das

experiências dos pais com LSD e cogumelos alucinógenos nos anos 70; quanto a isso, porém, não tem muito o que comentar. “Já comi cogumelos, mas nunca usei LSD. Não é mais comum por aqui, a onda lisérgica parou nos anos hippies.”, acredita.

Apesar do LSD ser barato nesta região – uma dose por um dólar - , é fato comprovado pelas pesquisas nas escolas e clínicas de recuperação de drogados que o ácido não é mais uma droga amplamente utilizada pelos jovens californianos: novas drogas como o ecstasy surgiram no final do milênio para ocupar o espaço dela. Os jovens da época da Guerra do Vietnã – atuais pais e tios da “geração ecstasy” – faziam uso dos alucinógenos como uma fuga da realidade e como contestação dos valores que lhes eram impostos, enquanto levantavam a bandeira da revolução sexual e dos costumes. Os jovens atuais, mais enriquecidos e com menos ideais pacifistas, não têm se mostrado dispostos a seguir o exemplo dos seus pais, e sair às ruas pedindo pela paz no mundo em tempos de guerra.

Basta ver as pesquisas. Uma delas, realizada em fevereiro de 2003, pouco antes da intervenção americana no Iraque, mostrava que 63% dos jovens americanos entre 18 e 25 anos apoiavam o ataque (ABC NEWS/Washington Post). Outra pesquisa, divulgada pela MTV americana no dia 13 de fevereiro, apontava 51% dos jovens entre 14 e 24 anos favoráveis à guerra de Bush.

Usuária e conservadora - Foi por curiosidade que um dia Katchen resolveu experimentar cocaína: “Eu não gostava muito do jeito que a minha mãe ficava quando cheirava, e não queria ficar que nem ela, mas é claro que a curiosidade era maior do que tudo.” Um dia sua mãe estava no trabalho e Katchen cheirou um pouco. “*Come on*, como você não vai provar se está lá, se a sua mãe usa, e apesar da propaganda na TV e no colégio, você sabe que no fundo não tem nada de mais, é só uma substância química que faz você se sentir bem?”, pergunta Katchen. Nos anos seguintes, a cocaína passou a fazer parte da sua vida social, assim como o *speed* e o ecstasy.

A experiência da garota com o *speed* e a cocaína nos anos de *high school* e *college* não foge dos padrões de qualquer jovem californiano de hoje. Apesar de todos os amigos fazerem uso de pelo menos uma droga ilegal, e muitos terem provado substâncias como a heroína e o crack, Katchen nunca foi além do quarteto maconha-*speed*-cocaína-ecstasy, e se considera conservadora no que diz respeito ao uso de substâncias alteradoras do humor – e da consciência – em geral. Assistiu a dois de seus amigos se iniciarem nas drogas nas mesmas festas que frequentou e morrerem de overdose pelo uso de heroína alguns anos depois, e ouviu muitas outras histórias sobre conhecidos que tiveram o mesmo final infeliz ainda jovens. Era gente do mesmo círculo social, nascida e criada nas pacatas praias do sul da Califórnia, e que marcou sua breve existência por alguns anos de facilidade, surfe, noitadas e certo tédio. Por esse motivo Katchen nunca teve curiosidade de experimentar heroína, droga considerada das mais aditivas e responsável por mais de quatro mil mortes por ano nos Estados Unidos: “Nunca usaria heroína. Já vi muita degradação de gente que eu conhecia. Melhor não arriscar”, acredita Katchen, abrindo um sorriso final.

Essa posição cautelosa em relação a drogas consideradas de maior periculosidade é compartilhada por alguns contemporâneos de Katchen – menos induzidos pela “guerra às drogas” do governo do que pelas histórias reais de jovens como eles que perderam o autocontrole no uso da heroína (muitas vezes misturada com álcool e outras drogas) e morreram de overdose. “O.D” é uma sigla que aparece com frequência nas rodas de conversa. Ainda assim, não é raro que a noção do perigo perca terreno para a curiosidade, principalmente entre os mais novos que se iniciam no álcool e nas drogas mais leves. Influenciados pela vontade de experimentar e com dinheiro para bancá-la, incluem a heroína nos seus hábitos, aumentando as chances de assumirem um vício de difícil volta.

O ARTIFICIAL NA CULTURA DE APELOS

A garota Erin Cottrel abriu os olhos naquela manhã de maio de 2002 e lembrou de onde estava: o quarto de visitas da casa de Carol, vizinha e amiga de infância. Outros dormiam esparramados pelos sofás e pelo chão da casa da menina bem nascida, cujos pais – conhecidos moradores de Laguna Beach – estavam de férias na Europa.

A festa fora boa, pelo que Erin se lembrava dela. Mas as lembranças lhe escapavam, porque tinha bebido demais: lembrava de ter tomado tequila e uísque, além de algumas cervejas. E no final da noite apagara, já quase inconsciente, após a última fumaça de maconha puxada do cachimbo de vidro colorido que sempre carrega na bolsa.

Seus companheiros de ressaca foram acordando aos poucos, e fazendo comentários sobre a desordem da casa. Deveriam todos sair dali antes das 2 da tarde, porque a moça da faxina chegava a essa hora. Alguns tinham que trabalhar e já estavam atrasados. Outros, como Erin, não trabalhavam ainda e simplesmente faltariam às aulas na high school naquele dia.

Mas havia algo de errado com o garoto Jimmy Greaves, que continuava apagado no chão da sala. Dormia numa posição aparentemente nada confortável e sua cabeça estava mergulhada numa poça de vômito. Foram verificar se ele estava bem. A própria dona da casa, com cara de nojo, levantou a cabeça do rapaz pelos cabelos:

- Jimmy! Jimmy! *Wake up, dude!*

Mas Jimmy estava morto desde as três e meia da madrugada. O diagnóstico dado depois pelos médicos: overdose de cocaína, valium e álcool. Os amigos contaram para a polícia que na noite anterior Jimmy também fumara heroína, mas que nenhuma dessas coisas era novidade: estavam acostumados a vê-lo assim.

Jimmy era um garoto gordinho de 20 anos de idade, cujos pais, separados, via pouco. Morava a uma quadra da praia em Laguna Beach com a mãe, que passava vários

meses do ano viajando pelo mundo. Mulher bonita – e enriquecida após o divórcio do marido advogado – ela declarou no velório que desde os 15 anos de idade o filho havia se tornado um estranho para ela e seu ex-marido, que não tinham a menor idéia de como lidar com a “mentalidade obsessiva” do garoto.

Na noite da sua morte, a namorada de Jimmy rompeu o relacionamento de cinco meses e não compareceu à festa, embora fosse amiga da dona da casa. Jimmy estava deprimido e seus amigos perceberam, mas ninguém tentou impedi-lo de misturar tantas drogas. “Ele sempre fazia isso; era o normal de Jimmy. Claro que ninguém fez nada, até porque cada um estava se divertindo à sua maneira.” afirmou Shannon Smith, de 19 anos, uma das amigas do rapaz. “Teve gente dizendo que ele se matou, que foi suicídio. Eu não sei. Sei que ele não estava nada bem naquela noite, mas não sei se queria morrer ou foi consequência. Se ele estava usando tantas drogas ao mesmo tempo, acho que não podia estar muito bem”, completa a garota.

Aos 14 anos de idade, Jimmy tinha se tornado o fornecedor das drogas que seus amigos consumiam. Assim permaneceu até o dia de sua morte. Alguns amigos dele dizem que a maioria do pessoal comprava do garoto, que sempre tinha um estoque das mais variadas substâncias. Ninguém sabe ao certo como Jimmy as obtinha, mas se sabem preferem não falar. Um dia, quando o rapaz tinha 18 anos de idade, foi preso por ter sido pego revendendo drogas. Seu pai conseguiu libertá-lo mas o garoto voltou à ativa, vendendo drogas e consumindo-as também.

Erin Cottrel conta que Jimmy vivia deprimido e já tinha falado em se matar antes, mas ninguém levava a sério. “Se você usa muitas drogas, você fica realmente deprimido. Você percebe que a sua vida não é tão boa, acaba sendo preso... eles o prenderam, sabe, eles tentaram dar um jeito de pará-lo, mas não funcionou. Acho que ele não quis parar, aí não teve jeito de outros pararem ele. Ainda mais por aqui, onde todos os garotos usam

drogas, é difícil encontrar alguém que não use nada. Eu nasci e cresci aqui e sei do que estou falando”.

Os amigos de Jimmy lembram do seu funeral com tristeza. Brandon Hobart Jr., melhor amigo do rapaz, apareceu no enterro mas não ficou nem cinco minutos. Saiu de lá apressado para ser encontrado, mais tarde, na mesa do bar onde os amigos beberam à morte de Jimmy como se fosse uma noite qualquer. No dia seguinte, Brandon resolveu se internar numa clínica de recuperação de drogados.

A clínica era a *Cedar House Rehabilitation Center*, em Santa Ana, município próximo. O rapaz, pela primeira vez longe da família e dos amigos, começou a se recuperar da dependência de substâncias que consumiu por pelo menos três anos: cocaína, crack e heroína. Os amigos obtinham dos pais de Brandon – casados e aparentemente felizes – as informações sobre o estado do rapaz, que eram sempre animadoras. Um dia, passados dois meses da morte de Jimmy, veio a notícia inesperada: Brandon fora encontrado morto, dentro do seu carro a alguns metros do centro de reabilitação, ainda com uma agulha pendurada no braço. *Causa mortis*: overdose de heroína.

A notícia chocou a comunidade e o mesmo grupo de amigos que chorou por Jimmy se encontrou no enterro de Brandon, muitos se vendo pela primeira vez naqueles dois meses. Erin lembra desse funeral com ainda mais pesar. “Eu não podia acreditar que estava enterrando Brandon. Qualquer um, mas não ele. E o pior é que eu vi a transformação dele, e me senti culpada, achando que podia ter feito alguma coisa. Acho que todo mundo se sentiu assim”

Amigos do rapaz observaram que a transformação se deu em questão de um ano. Antes comportado aluno da High School local, Brandon era considerado um rapaz esperto e de boa conversa. Tirava notas boas e não foi além da maconha e do álcool naqueles anos de festas adolescentes. Depois de sair da escola, foi morar sozinho – os pais, ricos,

incentivaram-no a ter seu próprio espaço e lhe deram um apartamento e um carro de presente de formatura. Brandon começou a frequentar o primeiro ano de *college*, onde conheceu gente e começou a sair à noite. Jimmy, seu amigo de infância, já estava envolvido com drogas ditas ‘pesadas’ – usando e vendendo – e apresentou-lhe todas, inclusive a heroína. Brandon morava sozinho, tinha uma mesada gorda e nenhuma preocupação maior na vida. Não era considerado um tipo depressivo e, segundo seus amigos, fazia muito sucesso com as garotas.

A amiga Erin que o diga. “Nós tiramos a virgindade um do outro. Ele era lindo, jogava basquete na escola. Mas depois... a gente namorou três meses, depois terminou e eu não o vi por quatro meses. Ele estava começando a sair com uma galera do *college* dele, falando de umas experiências que tinha tido... e dali a menos de um ano, piorou muito. Todos sabiam, todos percebiam, mas ninguém fazia nada, acho que no fundo aqueles amigos dele nem ligavam muito.”

“Ele ficou tão *fucked up* que não sabia mais o que acontecia no mundo, não conseguia mais falar nada inteligente... triste”. Erin recorda que viu Brandon durante os cinco minutos em que ele permaneceu no enterro de Jimmy e que o achou muito magro, com olheiras fundas. Dias depois um amigo em comum contou que o rapaz se internara e passava bem.

Então veio a notícia da morte de Brandon. “A história que eu ouvi foi a seguinte: depois de dois meses limpo, um amigo foi visitar ele e levou uns comprimidos de valium para ele tomar. Naquela mesma noite, ele se sentiu mal, teve uma recaída forte e saiu com outros dois pacientes da clínica de reabilitação para dar uma volta de carro pela cidade e usar heroína. Ele injetou heroína e teve uma overdose. Morreu dentro do carro, com a agulha no braço. E os caras o deixaram lá, nem tentaram salvar sua vida” diz Erin.

Os rapazes que estavam com Brandon voltaram para o centro de reabilitação e só na manhã seguinte deram a notícia aos outros. “Não importava o que estava acontecendo com Brandon, os dois não ligaram. Ninguém liga. Quando se trata de não ser preso, não importa o quanto os outros dizem que são seus amigos, eles não ligam. Brandon estava morrendo, mas não estava morto ainda, e eles podiam ter salvado ele, levado para o hospital... mas não quiseram problemas e deixaram ele lá”.

Amigos e parentes receberam a notícia da morte com incredulidade, e o pai do rapaz pensou em abrir um processo contra o centro de reabilitação, por não terem conseguido impedir a recaída fatal do garoto. Ninguém da família fala as palavras “overdose” e “heroína”, e as qualidades de Brandon são sempre enaltecidas quando alguém toca no assunto. Eles acreditam que o garoto foi vítima de circunstâncias que o tiraram de seu caminho original, de aluno nota “A” e cobiçado jogador do time de basquete da escola, para um final obscuro: suicídio é outra palavra proibida entre pessoas próximas ao rapaz.

As amigas Erin e Shannon se lembram de que em ambos os funerais os pais dos garotos admitiram que não conheciam realmente seus filhos. “Eles queriam que seus amigos lhes contassem o que eles realmente faziam, do que eles gostavam”, lembra Shannon. A garota frequenta a casa dos pais de Brandon porque é amiga da irmã mais nova do garoto. “Eu estava com Sarah (irmã de Brandon, 17 anos) quando soubemos da morte dele. Ela não chorou e também não conseguiu falar nada. E eu não sabia o que dizer, só consegui abraçá-la, foi uma situação tão triste que eu nunca achei que ia passar.”

Sarah não gosta de falar no assunto, e segundo Shannon, a menina provou diversas drogas até a morte de Brandon. Depois daquele dia, nunca mais. “Bem, para falar a verdade ela ainda fuma maconha. Mas acho que isso nem entra nas tuas pesquisas, *right?*”, pergunta Shannon, os olhos bem abertos atrás dos óculos de grau.

Impedidos pela Lei – Quando morreu, Brandon recém tinha completado 21 anos de idade. Como passara seu aniversário na reabilitação, não estava saindo à noite e bebendo, como é a tradição entre os jovens que completam essa idade, quando são liberados para o consumo de álcool nos Estados Unidos. Os amigos de Jimmy e Brandon, na sua maioria menores de 21 anos, não tinham permissão legal para comprar bebidas alcólicas e entrar nos bares e boates locais. Como também é típico entre os menores de idade norte-americanos, alguns amigos de Jimmy e Brandon possuem carteiras de motorista falsificadas, documento utilizado como identidade que apresenta, além de foto e data de nascimento, a altura e a cor dos olhos da pessoa. Essas carteiras podem ser obtidas por U\$50 a 100 dólares no “mercado negro”, e permitem o acesso aos lugares proibidos para os adolescentes. Isso explica como muitos deles conseguem beber nos bares da cidade sem sofrer represálias. Muitas vezes conhecer o dono do bar ou alguém que trabalha no local é garantia de entrar sem precisar mostrar o documento.

Ainda assim, para um jovem menor de 21 anos a cerveja é tão proibida – e pode dar multa, processo ou até cadeia – do que as drogas ilegais como a maconha e a cocaína. A repressão geral – à qual esses jovens já estão acostumados, num sistema de leis rígidas como o norte-americano – provoca uma reação de enfrentamento a essas proibições e, num ato de rebeldia, fazer uso de tudo aquilo que lhe é dito para não se usar. Como qualquer adolescente do mundo, que precisa da experimentação e da contestação dos valores repassados pelos mais velhos, o californiano típico faz uso desde cedo não apenas do álcool e cigarros nas festas particulares, mas da maconha e outras substâncias ilegais. E essa realidade não tende a mudar assim que completam 21 anos e podem, finalmente, sair nos bares e boates com a identidade verdadeira e, teoricamente, mais conscientes das suas opções de vida como “adultos”.

LAGUNA É PURO ECSTASY

Laguna Beach não tem uma vida noturna das mais agitadas. Na avenida principal, boates como a *Club M*, com quatro pistas, telão e garçonetes sensuais atraem um grande número de moças e rapazes que apreciam *dance music*. Poucos deles têm raízes em Laguna, que é pequena, porém eclética. Há um bar com DJ's tocando hip hop e black music, o alternativo *Club Sandwich*, que atrai uma pequena população asiática e negra das cidades vizinhas. *Techno music* pode ser ouvida todos os dias num dos bares mais badalados da cidade, o *Ocean Brewing*. Ali, nas terças-feiras, a "noite anos 80" já não faz mais tanto sucesso como há alguns meses, mas tem seus frequentadores fiéis, que vão muitas vezes vestidos a caráter para dançar o som daquela época. Como não poderia faltar nesta cidade à beira-mar, de quarta a sábado é possível ouvir reggae ao vivo, num bar que foge ao padrão de limpeza normal de Laguna, o *Sand Piper*, cujo dono é um surfista de seus 60 anos de idade. A noite de Laguna não vai muito longe: os bares são obrigados por lei a fechar as portas às 2 horas da manhã, quando o leão de chácara começa a berrar "*Let's go, guys, let's go*", forçando uma debandada geral da clientela. Não há alternativa senão ir para casa, não sem antes dar a chave do carro para aquele amigo que não bebeu, porque os policiais fazem vigília na frente dos bares para pegar motoristas bêbados em flagrante e aplicar as devidas punições.

Durante o verão, os bares da praia principal lotam de turistas, principalmente jovens de cidades não praianas que vêm à Laguna atraídos por sua fama de reduto de surfistas e lindas loiras turbinadas. Nessa época do ano, mulheres com o estereótipo da "californiana típica" – loira de olhos claros e seios de silicone, como a atriz Pamela Anderson consagrou no seriado *Baywatch* transmitido mundo afora – desfilam suas bolsas de grife pela noite da cidade. "E adoram dinheiro!", avisa o brasileiro Maurício Bezerra, de 26 anos, o único compatriota que encontramos por lá. Maurício mora no município

vizinho, San Clemente, e trabalha como recolhedor de copos no *Ocean Brewing*. “Queria morar em Laguna, mas é caro demais”, afirma o brasileiro que dirige 20 minutos por dia para chegar ao trabalho, onde recebe seu pagamento “*under the table*”, ou seja, ilegalmente e livre de taxas.

Há três anos nos Estados Unidos, o rapaz trabalha em Laguna há sete meses e diz que não se espanta mais com as controvérsias do lugar. “Tem muita patricinha, mulher vazia mesmo, e muito cara que está aqui porque adora esse tipo de mulher, e acaba se dando bem porque tem um carrão”, simplifica Maurício. “Mas o pessoal local, esses têm mais noção do mundo”, revela. Perguntado sobre o uso de drogas entre a juventude que frequenta o bar, o brasileiro sorri: “Aqui no bar eu só vejo ecstasy. É *pill* (pílula) pra tudo o que é lado. Mas o povo daqui usa de tudo, você já deve ter ouvido umas historinhas, não é não?”

Grande fã das pílulas, Maurício nunca tinha tomado ecstasy no Brasil até ir morar na Califórnia, onde experimentou diferentes tipos. “A azul é a melhorzinha, eu tenho um canal se você quiser”, avisa o solícito carioca, feliz pela chance de falar português em Laguna.

O rapaz acredita que o ecstasy também tem tido uma grande aceitação no Brasil, e que seu uso já é universal: “Mas não dá para negar que foi por aqui que tudo começou, e que tanto o ecstasy quanto o doce (LSD) da ‘Califa’ é mil vezes melhor. Tanto que os meus amigos do Brasil ficam me pedindo pra mandar pra eles pelo correio.” Maurício acredita que a droga encontra um fator comum em ambos os países: “É droga de elite. Tem que ter dinheiro para ficar tomando ecstasy na noite, é ou não é? Por isso que no Brasil, *rave* é coisa de filhinho de papai!”, explica Maurício.

Na Califórnia, uma pílula de ecstasy pode custar entre 20 e 35 dólares, e é comum que duas ou mais pílulas sejam ingeridas na mesma noite. “O efeito vai passando, e aí teu amigo te oferece mais um. Tu estás dentro de um bar, curtindo um som qualquer, então é

claro que vai pagar até 40 dólares por um 'E'. Ou dois. As pessoas perdem a noção”, conta Ryan Noble, morador de Laguna e frequentador do *Brewing*, consumidor assíduo de ecstasys. “Até dois anos atrás eu era assim, comprava aos montes e levava para os bares para revender por mais caro. Com o lucro eu bebia a noite inteira!” conta Ryan.

Muitos jovens bebem álcool misturado com a droga. “Não tem problema nenhum”, acredita Ryan. “Se você não beber, só tomar água, o E vai bater mais forte, mas se beber também dá uma sensação *cool* (legal)”.

O brasileiro Maurício acha que a pílula tem tudo a ver com as noites “tipicamente americanas”, como ele mesmo descreve. “Já viu como americano dança? Eles se esfregam. Todo mundo faz cara de tarado na pista de dança”, ironiza. “No Brasil a galera dança mais separado, pelo menos no meu tempo era assim, grupinho de amigas e tal, e os caras andando por lá, dançando meio mal... aqui é homem com mulher fingindo relação sexual, indo no ritmo da música”, observa. Segundo o rapaz, os efeitos do ecstasy (“O 'E' dá um baita tesão”) contribuem para essa desinibição nas pistas de dança.

Não por acaso apelidada de “droga do amor”, o ecstasy existe há quase 90 anos, mas foi na década passada que entrou na moda entre jovens do mundo inteiro. As *raves*, festas de música eletrônica inspiradas nos festivais psicodélicos dos anos 60 e 70, podem durar até três dias, embalados por drogas diversas, principalmente o ecstasy e as anfetaminas.

Se as *raves* popularizaram o E, de uns tempos para cá ele passou a ser consumido em noites normais – e isso pode ser observado tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos – por milhares de jovens em busca de soltar o corpo e dançar ao ritmo da música. Seja ela qual for: “Não precisa ter som eletrônico pra tomar 'E'”, afirma Maurício. “Tem gente que toma e nem sai na noite, fica em casa dando uma, ou vai fazer outra coisa. Tem de tudo, mulhé!”, ensina o brasileiro, com ares de experimentado.

Já o californiano Ryan Noble, de 24 anos, acha que existem drogas muito boas para “não se fazer nada”, e que o ecstasy definitivamente não é uma delas. “Eu tomo E quando saio à noite, porque me sinto bem. É só.” Em casa ou na casa de amigos, a maconha e o álcool ainda são as drogas da escolha de Ryan. Seus amigos mais próximos também adoram cocaína. O rapaz vive de arte – pinta quadros que são expostos numa galeria em Laguna, e nas paredes do *Ocean Brewing* – e diz que só cheira quando lhe dão, e que nunca gastaria um dólar com cocaína.

O ecstasy encontra um amplo mercado consumidor entre aqueles que não usam drogas mais pesadas, como a cocaína, o crack e a heroína. Por ser uma pílula do tamanho de um comprimido para dor de cabeça e com aparência inofensiva, não é considerada perigosa pelos usuários. “O ‘E’ não te tira a consciência, nem te dá alucinação, ele só te dá um formigamento, um relaxamento. Devia ser legalizada, garanto que é menos maléfica que muitas drogas vendidas com receita médica”, acredita Ryan.

A fórmula do ecstasy – de nome científico “metilenodioxidometanfetamina”, ou MDMA – foi inventada e patenteada em 1914 por um laboratório alemão, na esperança de que servisse para estancar hemorragias. Nunca chegou a ser comercializada e permaneceu esquecida por décadas, até ser ressuscitada – justamente na Califórnia – nos anos 1960. O primeiro artigo científico falando dos efeitos da droga foi publicado em 1978, e ela começou a ser vendida nos bares californianos a partir dos anos 1980, com o nome de “Adam”, “Essence” e “Lov”. Foi proibida em 1986 pela Comissão de Entorpecentes das Nações Unidas, e voltou a ser produzida ilegalmente nos anos 1990, quando as noites regadas a música eletrônica encontraram no ecstasy o aditivo ideal, popularizando assim o uso da droga entre os jovens frequentadores de *raves* e outras festas no mesmo estilo.

O ecstasy é uma das drogas ditas “sintéticas” cujo uso tem crescido nos Estados Unidos, e os especialistas acreditam que, junto com o *speed*, esteja tirando o lugar da cocaína na preferência dos jovens que saem à noite e procuram uma droga mais barata, de

transporte mais fácil e que não carregue consigo o estigma de *hard drug* (droga pesada), como são considerados o crack, a cocaína, e a heroína

CHEIRANDO A GENTE SE ENTENDE

É domingo depois do feriado de Ação de Graças, que este ano de 2002 caiu numa quinta-feira. Cerca de trinta amigos e conhecidos, com idade média de 25 anos, reúnem-se na casa que Jason Gieger divide com dois amigos: é um jantar para comemorar o feriado patriota com certo atraso, já que a data exata é geralmente passada com a família. A casa está cheia de gente, e quase todos se conhecem de longa data. A mesa está repleta de comes e bebes típicos da ocasião: peru com molho de framboesa, purê de batata e milho doce, arroz com pedaços de frutas e muito vinho.

O som anos 80 – grande moda entre os jovens de agora – disputa atenções com a televisão, ligada numa das inúmeras versões norte-americanas de “videocassetadas”. Alguns se espremem na pequena sacada da casa para fumar cigarros: também na casa de Jason Gieger, fumante ocasional de Marlboros, fumar nas dependências internas é proibido, num trato silencioso ao qual todos que cresceram no sul da Califórnia já estão acostumados.

A essas alturas, sob o efeito do vinho e da alegria do encontro, os convidados de Jason riem e falam alto, e ele se senta no seu canto quieto e com ar satisfeito, observando os amigos. Jason tem andado deprimido nos últimos tempos, dificilmente sai de casa senão para trabalhar ou exercitar sua grande paixão, o surfe. Atualmente a tela gigante da televisão é sua maior companhia. São tempos nada fáceis para o vendedor de *software* que vai completar 26 anos: seu pai faleceu há quatro meses, de ataque cardíaco, enquanto corria pelas ruas de Laguna Beach.

A morte de Gieger-Pai comoveu a comunidade local, rendeu matéria no jornal e mexeu muito com o ânimo do rapaz, que começou a passar suas noites sentado no sofá da sala bebendo latinhas de Budweiser e fumando maconha no imenso bong que descansa na prateleira da sala de televisão, enquanto assiste ao seu canal de esportes predileto. Jason é grande fã de futebol americano, e sua estrutura física lembra a de um jogador profissional: mais de um metro e noventa de altura, ossos largos e fortes. Alguns amigos gozam dele pois, apesar de ser vegetariano, pesa mais de 120 quilos.

Jason estudou em Santa Bárbara, como a maioria dos seus amigos de infância. Foi nas festas universitárias que começou a consumir cocaína socialmente. Assim como Katchen Roberts, Jason experimentou a droga com a normalidade com que se fuma o primeiro cigarro ou se toma o primeiro porre. Eram tempos de festa, e os professores de Santa Barbara não faziam chamada, bastando aos que não estavam tão interessados em aprender que comparecessem aos exames finais e rezassem por uma nota decente. Foi assim que Jason se formou em Espanhol, língua que fala com certa fluência mas nunca utilizou profissionalmente. E foi assim que o rapaz passou os quatro anos de sua vida em Santa Bárbara cheirando cocaína diariamente, sem que faltasse quem lhe fizesse companhia.

Como ainda não falta. “*All right*”, berra Chris Carter, se levantando na mesa, o copo de vinho branco na mão. “A festa aqui na sala estava boa, mas ela continua lá dentro”, afirma sorrindo o rapaz inteligente, que em 1995 foi aceito em quatro universidades, incluindo a conceituada Berkeley, mas preferiu ir para Santa Barbara estudar Música. Carter chama o pessoal para o quarto de Jason, onde metade dos convidados da festa cheiram cocaína espalhados pelo chão e sobre a cama de casal do rapaz. Esse é um ritual comum a todas as festas deste grupo de nascidos e criados em Laguna Beach, e a espera por ele é motivo de gozação entre eles. “É agora que a festa começa”, responde Ryan McKiernan, um dos moradores, divertindo-se com o deslocamento de metade dos convidados da festa para o interior da casa. Ryan não está cheirando cocaína hoje: na verdadeira noite de Ação

de Graças, prometeu a seu pai que ia dar um tempo com a droga, porque ambos chegaram à conclusão de que ela já estava virando um problema na vida do rapaz de 23 anos. “Estou lutando contra mim mesmo”, afirma, quando lhe perguntam se tem certeza de que vai cumprir a promessa.

Overdose bate à porta - Alguns ímãs coloridos prendem à geladeira da cozinha um cartão de Natal de um casal de amigos que mora no Havaí e um bilhete em inglês com tom mexicano da moça que faz a limpeza da casa (Algo como: “*Por favor, não deixem louça suja na pia porque eu perco muito tempo lavando e não dá para limpar o resto da casa*”). Um terceiro pedaço de papel divide o espaço na porta da geladeira: na frente, a foto de um rapaz ao volante, e as palavras “Christopher Wayne Orr, December 27, 1977 – October 13, 2002”.

O folheto foi distribuído no enterro do rapaz um mês antes. Conhecido de Jason, Christopher era um surfista profissional morador do município vizinho, San Clemente. O texto na parte interna do folheto diz tudo, menos a causa da morte: overdose de heroína.

A descrição do rapaz, tanto no folheto póstumo quanto nas palavras de quem o conheceu, é sempre positiva: um excelente surfista, patrocinado por diversas empresas conhecidas, passava a maior parte do tempo no mar. Tinha um filho de quatro meses de idade, Drake Daniel Orr, e era descrito como sociável, devotado rapaz de família e conhecido pela sua religiosidade.

A morte chocou a comunidade. Na semana seguinte, Jason Gieger participou com mais de trinta outros surfistas de um ritual típico do sul da Califórnia, quando da morte de algum deles: uma roda foi formada dentro do mar, e todos deram-se as mãos, fazendo um minuto de silêncio como última homenagem ao surfista.

Amigos de Christopher contam que ele começou a usar heroína – na sua forma injetável – ainda nos tempos de *college*, mas desde que a namorada se descobriu grávida parou de fazer uso da droga. A recaída, quase um ano depois, foi fatal. A família não gosta

de falar do assunto e nem seus amigos mais chegados, que se referem ao rapaz como uma pessoa abençoada pelo talento no surfe e de “grande elevação espiritual”.

Busca arriscada - O que leva jovens como o surfista Christopher Orr , e os amigos de infância – mal saídos da adolescência – Jimmy Greaves e Brandon Hobart Jr. a se deixarem levar pelos apelos de uma droga como a heroína, num país com investimentos anuais bilionários em prevenção e tratamento de usuários de drogas? Os três rapazes nasceram no sul da Califórnia – San Clemente, a cidade natal de Christopher, é vizinha de Laguna ao sul e conhecida internacionalmente pela quantidade de surfistas profissionais que abriga. São rapazes como Christopher, que crescem usando a praia como quintal da casa, revezando-se entre o colégio e o mar. Apesar da fama de “vida saudável” que a profissão de “surfista” carrega, muitos deles têm contato com diferentes tipos de droga ainda na infância e adolescência. A maconha é de uso generalizado e muitas vezes fumada em casa, com os pais; a cocaína e as drogas sintéticas (metanfetaminas e ecstasy, principalmente) são facilmente conseguidas com amigos e circulam nas festas e bares que frequentam; e a heroína – a droga de reputação mais intimidante – é utilizada em menor escala, porém ainda assim alta nas estatísticas 1,2% da população americana já experimentou a droga, percentagem que no Brasil não chega a 0,1%.

A heroína é a droga que mais matou na metrópole vizinha de Laguna – Los Angeles – no ano de 2001: foram 473 mortes relacionadas ao uso da droga, de acordo com o *California Drug Threat Assessment Update**. Ao todo 61.853 pessoas buscaram tratamento em centros de reabilitação para se livrar da dependência da droga. Coisa que nem Jimmy nem Christopher fizeram, e que não conseguiu impedir a morte do garoto Brandon, cuja morte por overdose ilustrou esta realidade alarmante que o governo norte-americano insiste em lutar uma guerra contra: o uso de heroína já existe em número elevado no país de Bush, e

* <http://www.usdoj.gov/uaic/pubs/1113>

seu uso tem sido disseminado entre os adolescentes de vida boa de estados ricos como a Califórnia.

REMEDIANDO A SOMA DOS MALES

“Eu cresci muito rápido, comecei a ver e fazer coisas muito cedo na minha vida. Todo mundo nesse centro tira sarro de mim, dizendo que eu sou um homem de 40 anos num corpo de 20. Eu sei coisas, vi coisas e fiz coisas; enfim, eu vivi a vida”. (Jared)

O prédio cinza tem vista para o mar, mas nenhuma sacada de onde admirar a exuberante paisagem natural de Laguna Beach. A entrada só é permitida depois que se toca o interfone, mas nenhuma pergunta é feita: quase ao mesmo tempo a porta se abre e se está numa das unidades do *Spencer Recovery Center*, centro de tratamento para a reabilitação de alcólatras e viciados em drogas, apenas um a mais dos muitos que existem no sul da Califórnia, mas o único na cidade.

Jared é o recepcionista que cumpre as funções de secretário do lugar. Prestativo, conta que está de “aniversário”: seis meses de tratamento sem nenhuma recaída. Tratamento de quê?

“De tudo”, sorri Jared pela primeira vez. “Estou há seis meses sem beber ou usar qualquer tipo de droga. Só cigarros. Cigarros são a minha droga agora”.

Seis meses “limpo” é um recorde na vida do jovem de 20 anos que começou a beber e usar drogas aos 10. A rotina de trabalho no centro ajuda a mantê-lo com a cabeça no lugar, e é com serenidade que, todos os dias, Jared sai do *Spencer Recovery Center* quando o relógio bate 4 horas da tarde, atravessa a única avenida da cidade e caminha menos de cinquenta passos até chegar em casa: um bangalô que divide com outros colegas que

também fazem tratamento para se livrar da dependência, em frente ao mar da bela Cress Beach.

Jared se senta numa mesa de plástico enfeitada com flores artificiais, e tira do bolso um cigarro e um isqueiro com a bandeira dos Estados Unidos, país que virou seu quando ele tinha nove meses de idade. Filho de mexicanos, o rapaz foi adotado por um casal americano e cresceu em Los Angeles. Os únicos pais que conheceu nunca o deixaram na mão, tendo bancado todos os tratamentos que tentou nos últimos quatro anos.

Cigarro numa mão, café preto na outra, Jared conta que começou a beber e a fumar maconha aos 10 anos de idade. “Quería parecer *cool* com os mais velhos. Sabe como os mais velhos parecem encantadores quando se é bem novo. Era um pessoal de 16, 18 anos. Eles todos faziam, e é claro que eu fiz também. É uma maneira de a gente se livrar de todos os problemas do mundo e criar nosso próprio mundinho, fazendo as mesmas coisas que os outros”.

Ele admite que o fato de ter começado ainda na infância ajudou a torná-lo dependente químico, mas outros fatores também influenciaram. O principal era o seu fascínio pelos amigos mais velhos e pelas coisas que eles faziam.

“Por exemplo, comecei a andar com usuários de LSD quando tinha 12 anos. E eu amei o LSD. Aos 15 anos de idade, estava usando todos os dias. E bebendo e fumando maconha também”.

Aos 16 anos Jared começou a sua peregrinação por centros de reabilitação. “Estive em dois centros em Los Angeles, depois me mandaram lá para Filadélfia. Passei uns tempos num centro de reabilitação muito conceituado e caro em Nova York. E além disso estive em três *day-detoxes* (ambulatórios de desintoxicação), hospitalizado por overdose.” A solução encontrada pelos pais de Jared foi mandá-lo para o centro de reabilitação em Laguna Beach, na esperança de que por ser aquela ser uma cidade sem vida noturna intensa, as chances da recuperação do garoto aumentariam.

Mas Jared não pensa assim. “Estou sóbrio hoje porque já perdi muito. A única coisa que sei com certeza é que se eu começar a usar de novo é morte. Eu não acho: eu sei. Fui hospitalizado seis ou sete vezes por overdose de cocaína, uma por heroína e uma por overdose de ecstasy num clube. Entrei em coma alcoólico um monte de vezes. Não é o lugar ou as pessoas que vão me fazer parar, agora é decisão minha. Por isso estou aqui: é lindo, sim, é tranquilo, mas tem droga por todos os lados também, eu é que não vou mais atrás.”

Agora, trabalhando no centro, Jared convive diariamente com gente que chega ali do jeito que ele estava seis meses atrás: dependente e sem acreditar que é possível viver sem a droga. “Depois dos 28 dias do programa de desintoxicação, elas estão sorrindo, e se sentem bem”, diz.

Apesar disso, Jared é realista no que diz respeito a viver para sempre sóbrio. “Apenas 3% das pessoas que saem do programa sóbrias permanecem assim” afirma o rapaz, atento às estatísticas que lhe dizem respeito. “Eu acho que o maior problema é voltar para casa e para onde tudo começou. Se teus pais bebem e usam drogas, você vai voltar a usar também”, acredita. O garoto fala por experiência própria: os pais bebiam e fumavam maconha em casa, e educaram Jared e sua irmã mais nova num esquema “vivam suas vidas”: “Eles vão dar direções, mas não vão te enganar. O que é realmente *cool*, porque pude experimentar a vida, e, bom, acho que tirei proveito disso. Mas ambos ainda fumam e bebem, e falam abertamente sobre as outras drogas, porque já utilizaram quase todas nos tempos de *college*. Fomos criados assim”.

Os pais de Jared viviam num bairro de classe média, nos arredores de Los Angeles. Aos 14 anos, o garoto se mudou sozinho para morar com amigos numa área predominantemente negra e hispânica. Dois anos depois, foi internado numa clínica de reabilitação pela primeira vez. Apesar das idas e vindas, conseguiu terminar a high school, onde teve contato com o programa D.A.R.E. (ver página 35). “O programa D.A.R.E...

ninguém presta atenção, mas eles tentam mesmo assim. Na área onde eu cresci, as pessoas mais desrespeitosas são os policiais. As pessoas faziam gozação a respeito disso. Uma das traduções de D.A.R.E., nas nossas brincadeiras, era '*Drugs Are Really Exciting*' (drogas são realmente excitantes). Pode ser a geração que eu vivi, mas as pessoas te dizem uma coisa e você quer fazer a outra, para ser diferente, *cool*” conta Jared.

Ele diz que tentou parar sozinho inúmeras vezes, mas não conseguiu. “Eu estava usando cocaína desde os 14 anos. Eu podia parar por umas três horas, mas as pessoas vinham na minha casa e começava tudo de novo. Fui ver um terapeuta, e ele me encaminhou para o centro de reabilitação”.

Jared atribui ao dinheiro dos pais sua única chance de recuperação. “Sou muito grato a eles, que podiam ter desistido depois de um tempo. Se eles não tivessem dinheiro para me manter aqui, eu provavelmente estaria na rua ainda, usando drogas. Ao mesmo tempo eu sempre soube que eles não me abandonariam, e isso me trouxe uma segurança que impediu que eu acabasse com a minha vida. Se bem que eu quase acabei algumas vezes.”

O garoto não acredita que os jovens mais endinheirados usem mais drogas que os de nível social baixo nos Estados Unidos. “Pessoas que vieram de um subúrbio negro e hispânico em Los Angeles, e outras que são brancas caucasianas de Laguna Beach têm as mesmas oportunidades de experimentar e gostar das drogas. A diferença é que os daqui vão comprar com o dinheiro do papai, e os de lá vão estar trabalhando ou vendendo drogas para manter o hábito”, explica.

REABILITAÇÃO NADA MODESTA

Situado num antigo hotel na avenida principal de Laguna, o *Spencer Recovery Center* tem 28 suítes com banheiro individual e vista para o mar. Aqueles que já completaram o programa de desintoxicação mas não se acham preparados para enfrentar uma vida

“normal” tem opção de se transferir para os bangalôs na frente da praia, um dos quais Jared divide, neste momento, com outros cinco pacientes – um deles internado com a mulher e a filha de oito meses.

O programa inicial de tratamento consiste em 28 dias de intenso trabalho com o paciente, incluindo terapia individual, familiar e de grupo, além de exercícios, medicação, massagens e nutrição especial. Uma academia de ginástica com *personal trainers* e professores de yoga estão incluídos no pacote, que custa a bagatela de U\$12 mil pelas quatro semanas. A soma é coberta pela maioria dos planos de saúde norte-americanos. Esse tratamento é o primeiro passo de uma série de outros, que têm como fim a desintoxicação do paciente e o desenvolvimento nele de uma disposição para manter-se “limpo” dali em diante.

O diretor do Centro, Robin McGeogh, diz que o *Spencer* é um dos mais completos programas de recuperação de drogados da Califórnia, e que isso justifica os preços altos. Segundo ele, altos mas não fora da real, pois a média cobrada pelos centros de reabilitação Estados Unidos afora varia entre U\$350 e U\$600 por dia de internação. Robin possui formação superior em Ciências Sociais e Comportamentais, e é, ele mesmo, um ex-viciado em drogas. “Com exceção dos médicos, a maioria dos profissionais que trabalham no centro já tiveram experiências com drogas e muitos deles foram usuários de drogas pesadas.” Robin acredita que isso facilite na aproximação com o paciente: “Eles vêm que nós sabemos do que estamos falando e isso passa uma credibilidade, dá para falarmos a mesma língua”. E explica que essa quantidade de ex-usuários que hoje atuam como psicólogos, fisioterapeutas, conselheiros, nutricionistas e *personal trainers*, entre outras funções, não estão lá por mera coincidência: “Nós damos preferência a contratar pessoas que tenham tido experiência com drogas, porque elas sabem com quem estão tratando e conseguem ter uma compreensão mais profunda dos pacientes”, explica Robin. Para esses profissionais, é um bom negócio trabalhar em centros de recuperação, pois são mais bem-

aceitos ali do que em outros empregos, onde o fato de já terem tido envolvimento com drogas poderia prejudicá-los profissionalmente.

Completados os 28 dias do tratamento inicial, muitos pacientes voltam para casa, mas Robin e sua equipe os aconselham a completar o programa. “Só um mês não é suficiente para que essas pessoas mudem seus hábitos e nunca voltem a usar drogas”, acredita Robin. Ele conta que muitos pacientes retornam ao centro duas ou três vezes, depois de terem tido “alta”, por causa das recaídas. “É aconselhável completar o programa até o fim, ou pelo menos estendê-lo até quando for possível.” Por isso existem os programas de *Extendent Care*, que são outros 60 dias num esquema parecido com o primeiro, e também muito caro; e o *Sober Living*, para aqueles que já completaram as primeiras fases do tratamento e se mantiveram sóbrios – como é o caso de Jared. Os pacientes recebem alguma função dentro do Centro, embora continuem pagando caro pela acomodação e pelos serviços oferecidos por esse centro de recuperação com ares de *resort* de luxo.

A PREVENÇÃO TÁTICA - PROGRAMA D.A.R.E.

Zach Martinez se apresenta como “*Detective Martinez*” e tem o aperto de mão enérgico de quem está acostumado a ser respeitado; a ser ouvido, não a ouvir. Vai direto ao assunto sobre o qual a muito custo dispôs-se a falar, na manhã de quarta-feira, 18 de dezembro de 2002: “Sou oficial do *D.A.R.E.* aqui em Laguna desde 1992, e acredito que esse programa é a melhor solução para o problema de abuso de drogas que tem assolado a América”.

Detective Martinez senta-se e respira fundo antes de responder o que lhe foi perguntado: no que consiste o programa *D.A.R.E.* (*Drug Abuse Resistance Education*),

existente há 20 anos e cujos métodos têm sido motivo de polêmica nos Estados Unidos desde 1996, quando foi publicado um estudo com centenas de adolescentes que se “formaram” nele. Denominado “*In their own voices*”, o estudo feito pelo *Pacific Institute for Research and Evaluation** para o *California State Board of Education*** chegou a conclusões que desmoralizaram o programa na sociedade americana. Desde então, há discussões e páginas na internet atualizando os leigos sobre o suposto desperdício de dinheiro que seria mais essa tática do governo federal em sua guerra às drogas.

Aplicado em três de cada quatro escolas do Estado da Califórnia, o programa D.A.R.E. consiste em uma hora semanal de palestras com policiais a respeito das leis vigentes sobre o uso de drogas e das punições aplicadas a consumidores e traficantes. Esta é a função de Martínez na Laguna Beach High School. É todo um ritual de exposição sobre as drogas, uma aula mesmo: mostra-se e fala-se sobre cor, formato, cheiro, como se usa, o que se sente, e – como seria de se esperar de um programa direcionado a adolescentes – a lista de malefícios para a saúde e o perigo de se criar uma dependência química a partir da primeira experiência com as drogas.

Todas as drogas. “Essa é uma das maiores críticas que recebemos”, afirma Martínez. “A nossa política é não fazer diferenciação entre substâncias ‘leves’ e ‘pesadas’, porque nenhuma delas é segura, e uma diferenciação estaria estimulando o uso”, acredita o policial. “Além do mais, para esses menores de 18 anos todas substância é proibida, mesmo álcool e tabaco, então o nosso trabalho é desestimulá-los de experimentar qualquer uma delas”.

Desenvolvido pelo Departamento de Polícia de Los Angeles há 20 anos (completos em 2002), o programa é motivo de chacota entre muitos adolescentes, por pregar a abstinência dos estudantes como forma de evitar qualquer mal que possa advir do uso de

* <http://www.pire.org>

** <http://www.cde.ca.gov>

drogas e álcool. Segundo críticos do D.A.R.E., a idéia que o programa tenta passar de que todo uso é abuso simplifica de maneira irreal a realidade que os adolescentes conhecem lá fora. “Uma vez que essas crianças descobrem que a maconha, por exemplo, é muito utilizada por amigos mais velhos e parentes, sem impactos dramáticos nas suas vidas, eles tendem a não dar valor às mensagens contra outras drogas mais viciantes e perigosas”, afirma uma mensagem no site *The Drug Reform Coordinator Network**, um dos inúmeros que condenam o programa D.A.R.E. e as diversas medidas tomadas pelo governo norte-americano no combate ao uso de drogas ilegais.

Como oficial do D.A.R.E., Zach Martínez tem conhecimento dessas críticas, mas acredita sinceramente no trabalho que realiza: “Temos um currículo de prevenção: nós vamos nas escolas e ensinamos a essas crianças coisas da vida, como ficarem sãs. Nós ensinamos a elas como viver um estilo de vida saudável, *drug-free*.”, afirma Martínez. “Quem paga impostos está aborrecido com todas as taxas que estamos pagando. Não me faz feliz, como um pagador de impostos, contratar mais policiais, construir cadeias maiores, construir mais tribunais e contratar mais juízes, isso custa dinheiro. Então se pudermos diminuir a criminalidade de um modo geral, e não apenas as drogas, mas reduzir o vandalismo, o roubo, todos esses problemas, então estaremos ajudando a sociedade. Como um policial, acredito ser este o meu papel. Estou aqui para ajudar as pessoas e diminuir o crime”

O policial acha que é preciso combater o problema das drogas pela raiz: “A única maneira que existe de vencer a “guerra às drogas” é reduzir a demanda. É o que estamos tentando, através da educação. Foi por isso que eu me tornei um oficial do D.A.R.E.. Gosto de fazer parte da vida das crianças, ajudando-as a fazer boas escolhas e resistir à pressão do grupo”, afirma Martínez. A “pressão do grupo”, na opinião do policial, é o fator de maior influência no uso de drogas entre os adolescentes, além do exemplo de familiares.

* <http://www.drcnet.org>

“Diversas vezes eu ouvi de estudantes que eles tinham experimentado drogas do estoque dos seus próprios pais, muitas vezes junto com eles. Esse tipo de relação que alguns pais de família mantêm com a droga, comum por aqui, dificulta muito o nosso trabalho. Como fazer uma criança entender que é perigoso se os pais dela são os primeiros a fazer, e o pior, nem se dão ao trabalho de esconder que fazem?”, pergunta Martinez.

O uso de drogas entre os pais de alunos é uma das grandes dores de cabeça dos organizadores do D.A.R.E.. Martinez acredita que as crianças mais propensas a se viciar em algum tipo de droga são aquelas cujos pais fazem uso de álcool e substâncias ilegais, ou já fizeram e os filhos sabem disso. “Quando criança você toma seus pais como modelo, e duas coisas podem acontecer: você odiar que seus pais bebam, fumem ou usem drogas, e nunca querer ser igual a eles, ou você fazer tudo exatamente como eles, porque desde pequeno teve contato com isso e foi uma consequência natural”, afirma Martinez. Para ele, estas crianças são as mais difíceis de ajudar a formar uma opinião negativa a respeito das drogas.

Por essas e por outras, uma das bandeiras levantadas pela Guerra às Drogas do governo americano nos anos 1980, quando o D.A.R.E. foi inventado, era que as crianças delatassem seus próprios pais, entregando-os à justiça por uso de drogas. Martinez afirma que isso não é mais estimulado nos alunos. “Na época, a idéia era fazer a criança entender de tal modo os malefícios da droga, que não quisesse ver seus pais naquele estado e buscasse ajuda para eles. Esperava-se que, assim, os pais se sentissem ameaçados pelos próprios filhos e parassem de usar drogas.”, conta Martinez. “Ainda estamos abertos se as crianças quiserem vir conversar conosco a respeito de aflições que têm sobre o uso da droga pelos pais, porque certamente podemos ajudá-las a entender a situação. Mas a lição de dedurar os próprios pais nós não damos mais”, jura.

Críticos do D.A.R.E. afirmam que o programa aplica métodos antiquados que não têm ajudado em nada a reduzir o uso de drogas entre os adolescentes. No estudo “*In Their*

Own Voices”, foi revelado que, três anos após o término do programa, muitos estudantes diziam sentir-se enganados, como se os responsáveis pela educação anti-drogas tivessem mentido para assustá-los e mantê-los longe das mesmas.

O Dr. Dennis Rosenbaum, professor da Universidade de Illinois, no estado de Chicago, publicou no ano 2000 um estudo feito durante seis anos com 1.798 estudantes*, concluindo que o “D.A.R.E. não teve efeitos de longa duração numa longa escala de uso de drogas”, que o D.A.R.E. “não previne o uso de drogas no estágio de desenvolvimento adolescente quando as drogas se tornam disponíveis e são muito usadas, durante os anos de high school”, e que o D.A.R.E. pode na realidade ter efeito contrário ao pretendido. De acordo com o estudo, “há evidências de um efeito bumerangue entre os jovens que conheceram as drogas através do programa D.A.R.E., e tiveram aumentada a sua curiosidade em experimentá-las”.

O jornal New York Times de 15 de fevereiro de 2003 traz matéria criticando os custos do programa. Segundo o jornal, em 2001 o Departamento de Justiça norte-americano teria dado ao programa D.A.R.E. aproximadamente 1,7 milhões de dólares. Os Departamentos de Polícia dos estados, por sua vez, gastaram aproximadamente 215 milhões de dólares na forma de salários e benefícios para os policiais encarregados de dar palestras nas escolas sobre o perigo das drogas. Outros 15 milhões de dólares foram recebidos de empresas privadas que apóiam o projeto, que continua sendo uma das maiores armas do governo americano na guerra contra as drogas.

* <http://www.drugwarfacts.org/adolesce.pdf>

A GUERRA NOS TEMPOS DE PAZ

Os Estados Unidos são o maior consumidor mundial de drogas, sobretudo de cocaína e anfetaminas, com vendas que chegam a US\$ 60 bilhões, seguidos de perto pela Europa. A “Guerra às Drogas”, decretada pelo governo norte-americano nos anos 1970, ganhou uma lei de “repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes” em 1976, que estabelecia penas de detenção de seis meses a dois anos, além de multa, àqueles que “adquirirem, guardarem ou trouxerem consigo, para uso próprio, substância entorpecente”. Essa lei ainda está em vigor nos dias atuais, e alguns críticos afirmam que a política adotada pelo governo norte-americano é repressiva e violenta, na sua tentativa de conter a produção e a comercialização das drogas.

E cara: nenhum país do mundo gasta tanto com uma política anti-droga quanto os Estados Unidos. O *Office of National Drug Control Policy* (ONDCP)* calcula que o Governo Federal dos EUA gastará mais de US\$ 19,2 bilhões no combate às drogas em 2003 – mais ou menos US\$ 609 por segundo – enquanto os governos estaduais e locais devem gastar outros US\$ 20 bilhões. Nos primeiros quatro anos da década de 90, foram gastos US\$ 45 bilhões para financiar campanhas internacionais contra as drogas.

Apesar desses esforços, os Estados Unidos continuam aparecendo nas estatísticas como o país com a maior diversidade de drogas em circulação. Com a adoção da política de “Tolerância-Zero” em várias cidades americanas, em meados dos anos 90 o número de prisões feitas por pequenos delitos – entre os quais o uso e o comércio de drogas – ajudou a elevar drasticamente a população carcerária, aumentando ainda mais os custos da repressão interna. Os Estados Unidos tornaram-se campeões do mundo nesse item: são mais de dois milhões de pessoas presas, e segundo o ONDCP, a previsão para 2003 é que o número de detenções relacionadas às drogas exceda as 1.579.566 do ano 2000. Há alguém

* <http://www.whitehousedrugpolicy.gov>

sendo detido a cada 20 segundos por crimes relacionados às drogas. Destes, 236.800 serão encarcerados até o final deste ano: é uma média de 648 pessoas que passam a viver atrás das grades todos os dias. E manter os infratores na cadeia custa caro: cada prisioneiro custa, para o estado da Califórnia, entre 20 e 60 mil dólares por ano. Para se ter uma idéia, este custo no Brasil fica em torno de R\$ 7 mil anuais por preso.

Apesar destes dados, o governo de Bush continua negando que a “Guerra às Drogas” tenha resultados insatisfatórios, num país onde 42% da população acima de 12 anos de idade admitem já ter feito uso de substâncias ilegais.

ALI SE FAZ E ALI SE PAGA

“Tem uma coisa importante sobre o sul de Orange County: há muito dinheiro aqui, é o melhor lugar do mundo para crescer, mas tem um lado ruim também. Eu fui criado por meus avós aqui embaixo, em Three Arch Bay, que era um dos melhores bairros. As pessoas ganham um carro no aniversário de 16 anos. São tão ricas. Tem todos os tipos de gente. Se a gente for pensar nos tempos de Timothy Leary, minha mãe foi estudante em Laguna no começo dos anos 60 e 70. As drogas nesta área tem fudido a vida de muita gente...”

A fala rápida e desconexa é de um morador de Laguna Beach que teria bons motivos para não querer ser identificado, mas que não parece se importar com isso. De boa aparência física, embora maltrapilho, o surfista de 37 anos carrega no corpo as tatuagens de traçado nada profissional, marcas dos dez anos passados em três diferentes prisões dos Estados Unidos.

Gene O., como se autodenomina, coloca os pés descalços e sujos em cima da mesinha da sala, sentindo-se em casa, e pergunta se temos um *bong*, enquanto retira do bolso um saco plástico com maconha dentro. “*This is good shit*”, sorri, oferecendo o saco

para que sintamos o cheiro da erva. Esquecendo-a em cima da mesa, pôe-se a falar freneticamente, apoiado pela namorada que não consegue ficar parada e cuja voz, alta e anasalada, acompanha a sua durante toda a gravação da entrevista. Mais tarde ela confessou ser consumidora assídua de *speed*, o que pareceu explicar tudo.

Tolerância Zero - “Eu dei para o *California Department of Correction* [prisão estadual] nove anos e meio da minha vida”, declara o ex-traficante. Preso pela primeira vez no verão de 1992, por “transporte e posse de cocaína e maconha para a venda”, Gene O. passou a fazer parte de uma estatística nacional: 59,6% dos prisioneiros norte-americanos estão atrás das grades porque usaram ou traficaram drogas. “Os presos são pequenos traficantes e vendedores de esquina. Os grandes traficantes não vão para a cadeia”, denuncia.

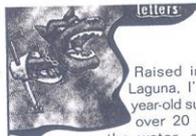
O ex-“pequeno traficante” passou 22 meses na prisão e foi solto no dia do seu aniversário de 28 anos. 71 dias depois, foi pego com duas onças de maconha e acusado de “conspiração”: “Eles sabiam de tudo. Estava acertado, eu ia receber certa quantia de dinheiro... mas eu não queria falar para eles quem estava por trás do negócio. E me acusaram de conspiração”. E continua: “Fui para a cadeia pela segunda vez, por causa de duas onças de maconha. Tolerância zero. E isso foi por 28 meses!”, conta indignado.

Saindo da prisão pela segunda vez, Gene O. não teve dúvidas: voltou a vender maconha e cocaína, paralelamente ao seu trabalho na construção civil, emprego que arranjou porque precisava “manter a cabeça no lugar”. Chegou a ter no bolso 70 mil dólares em notas de cinquenta, a maior quantia de que se lembra. “Eu não era peixe grande, mas movimentei algumas coisas, e passava bem. E o emprego era pra manter a cabeça no lugar, porque financeiramente eu não precisava dele.”

Então Gene O. foi preso pela terceira vez, novamente por posse de maconha. “Era menos de 10kg. E fui preso por outros 14 meses. Depois daquilo eu disse a mim mesmo:

Não dá mais. *No way.*” Liberado há seis meses, desde então ele tem se mantido dentro da lei, vivendo do seu emprego de pedreiro e surfando todos os dias.

Cocaína e disciplina - Enquanto estava preso, Gene O. escreveu uma carta à revista *Surfing* (ver quadro), contando a sua história e reclamando do “implacável sistema” norte americano. Ele diz que as leis estão cada vez mais severas – só ‘pioraram” desde a primeira vez em que foi preso – e resume assim o funcionamento das prisões estaduais norte-americanas: “Você recebe ‘pontos’ de acordo com o crime que cometeu. Há quatro diferentes níveis na instituição. Na primeira vez em uma prisão estadual, eles te colocam de acordo com quantos pontos você recebeu: este nível é de segurança mínima. O segundo é nível é mais estável, mas pode ser desesperador às vezes. Nos níveis três e quatro, você joga de acordo com as regras”.



Raised in South Laguna, I'm a 30-year-old surfer with over 20 years in the water, currently locked up in state prison again. It all started in the summer of 1992 with a felony case related to drugs and those infamous so-called friends. Since 1992, I've been back twice, and am now serving a violation for a suspended license and registration sticker. Fact is breaking the law with a ruthless system and outrageous new laws. It's a deep dark hole to climb out of when caught. Trust me, you will get caught! During the last five years, I have been unable to take any surf trips since this state number and doing time in and out, nor been happy living the dreams I used to: Surfing tropical destinations and hooking up landing large exotic fish. My message to all: Living in the fast lane, not thinking about tomorrow and consequences is out! Think twice if you do is my advice if you cherish freedom. The new laws are heavy, and true friends few. At this point in time for myself, "waiting for chow and *Surfing* magazine", that's it from inside until this gate opens for me. Gun towers here at times appear to me as lifeguard stands, which reality is not. And all that I've hurt and disappointed—family, employers (Mark) and anyone else left in my trail of wreckage—I'm sorry and wish to make amends.

Gene O.
South Orange County, CA

I am an avid reader of your magazine

*“Criado no sul de Laguna, eu sou um surfista de 30 anos de idade com mais de 20 anos na água, atualmente trancado na prisão estadual de novo. Tudo começou no verão de 1992 com um caso felony (delito grave) relacionado a drogas e aqueles infames que se chamam amigos. Desde 1992, estive de volta duas vezes, e agora estou servindo por uma violação por uma licença e um adesivo de registro suspensos. O fato é ir contra a lei com um sistema implacável e novas leis ultrajantes. É um buraco fundo e escuro de escalar quando se é pego. Acredite em mim, você será pego! Durante os últimos cinco anos, tenho estado incapacitado de fazer qualquer viagem de surf devido esse número de estado e cumprindo tempo dentro e fora, nem sido feliz vivendo o sonho que eu costumava ter: surfar destinos tropicais e pescar largos e exóticos peixes. Minha mensagem a todos: Viver na fast lane, sem pensar no amanhã e nas consequências está por fora. Pense duas vezes antes de fazer, é o meu conselho se você valoriza a liberdade. As novas leis são duras, e amigos verdadeiros são poucos. A essas alturas com tempo para mim, “esperar por chow e *Surfing magazine*”. É isso aqui dentro, até que esse portão abra para mim. Aqui as torres de armas me parecem estandes de salvas-vidas, às vezes, o que na realidade não o são. E todos que eu magoei e desapontei – família, empregados (Marc) e qualquer outro deixado para trás no meu trilho de destroços – eu sinto muito e gostaria de compensá-los.”*

Gene O.

South Orange County, CA

(*Surfing Magazine*, setembro de 1996, página 16, sessão “cartas”)

Jogar de acordo com as regras nunca foi a tática de Gene O., que começou a usar e vender maconha e cocaína ainda nos tempos de colégio. Criado pelos avós em Three Arch Bay, uma das áreas mais nobres de Laguna Beach, o garoto foi para os melhores colégios e começou a trabalhar cedo. “Meu avô tinha uma cabeça assim: quando eu fiz 16 anos, eu não ganhei um carro como todo mundo. Mas ele me disse que para cada dólar que eu conseguisse trabalhando, ele me daria outro dólar.” Trabalhava numa rede local de supermercados, emprego que arranjou logo que se formou na *high school*. Na mesma época começou a vender algumas drogas para os seus colegas de trabalho, principalmente o pessoal do turno da noite, que o procurava em busca de cocaína.

Gene O. diz ter sido ensinado por um amigo mais velho a não deixar a cocaína controlar a sua vida, e foi levado a visitar um grupo de Narcóticos Anônimos quando tinha 17 anos de idade. “Ele dizia que eu devia ser esperto, porque com a cocaína tem que ter uma disciplina. Isso foi quando eu estava começando a cheirar e gostando da coisa (risos). Ele falava: tem que ter disciplina, porque a cocaína puxa as pessoas para baixo!”

O ex-trafficante lembra que, na época – começo dos anos 1980 – a cocaína estava no auge da moda, apesar do alto preço e da dificuldade de obtenção. Mas conta que em Laguna Beach e na cidade vizinha, Newport, sempre houve boa oferta e boa demanda, porque havia dinheiro para pagar por ela. “Ainda hoje, se você for ver, 90 em cada 100 pessoas cheiram aqui em Laguna”, exagera.

Da década de 1980, Gene O. se lembra bem. Diz que não havia tantos vendedores de drogas na cidade, e que ele começou a criar uma clientela fixa revendendo a cocaína que trazia do México. “Quase não havia fiscalização nenhuma! Eu passava na fronteira dirigindo o meu jipe com placa da Califórnia, e muitas vezes eles não pediam nem documento de identidade... e eu com sacos de cocaína escondidos no banco traseiro”. Distante pouco mais de uma hora de carro de San Diego, cidade californiana que faz

fronteira com o México, Laguna Beach recebia seu estoque de drogas diretamente daquele país, famoso na Califórnia como “exportador de drogas”, principalmente a cocaína.

As leis ficaram mais rigorosas desde então, e a “Guerra às drogas” do presidente Ronald Reagan no final daquela década mudou o perfil dos traficantes de drogas. As fronteiras com o México passaram a ser uma das maiores preocupações do governo norte-americano, e os traficantes tiveram que se adaptar às mudanças. Assim mesmo, Gene O. diz que em todos esses anos nunca viu tantos vendedores de droga como agora. “Quanto mais eles reprimem, mais as pessoas se adaptam e continuam a tocar o negócio, só que bem mais organizado do que era no meu tempo. Não tem jeito de parar com isso”, acha Gene O.

O uso de entorpecentes tem de fato aumentado sistematicamente nos últimos anos nesta região dos Estados Unidos. De acordo com o *California Department of Drug and Alcohol Programs*^{*}, em 2002 o uso de drogas entre os adolescentes de 12 a 17 anos de idade nos condados do sul da Califórnia – entre eles o Orange County – aumentou em relação ao ano anterior: de 10,7% para 11,9%. Entre os jovens de 18 a 25 anos, 20,1% admitiram fazer uso de alguma droga ilegal em 2002, em comparação com as 18,8% do ano 2001, e 15,9% no ano 2000. O maior aumento foi no consumo das drogas sintéticas, principalmente o ecstasy e as metanfetaminas. E de acordo com o *Office of National Drug Control Policy, National Drug Control Strategy*^{**}, apesar dos gastos do governo federal norte-americano na guerra da droga terem aumentado de U\$ 1,65 bilhões em 1982 para U\$ 19,2 bilhões em 2002, no ano passado mais da metade dos estudantes nos Estados Unidos tinham provado alguma droga ilegal antes de se formarem no 2o. grau.

* <http://www.adp.cahwnet.gov>

** <http://www.whitehousedrugpolicy.gov>

Heroína e apelos - Gene O. conta que nos seus tempos de colégio não se ouviam casos de mortes relacionadas ao uso de heroína entre adolescentes. “Claro que tinha, mas a gente não ficava sabendo. Era uma coisa bem menos comum”, diz ele.

Embora o ex-trafficante tenha experimentado a heroína na sua forma cheirada e inalada, ele nunca chegou a vender a droga, porque achava que o preço não valia a pena: “A heroína é mais barata que a cocaína, e não vende tanto”. Ele afirma que nunca usou a droga na sua forma injetável, mas se emociona ao falar dela. “A heroína... ah... a heroína tem que tomar cuidado. Já vi muita gente se matando nisso. É tão potente que a pessoa perde a vontade da vida, porque na heroína tem tudo, a sensação é melhor do que o melhor orgasmo, do que a melhor bebida ou refeição, é tudo”.

O uso da heroína é raro no Brasil: cerca de 0,1% da população já teve acesso a ela*. O mesmo não se pode dizer dos Estados Unidos, cujo uso teve início na metade dos anos 60, coincidindo com o envolvimento dos norte-americanos na guerra do Vietnã. Diz-se que milhares de soldados adquiriram o hábito de tomar heroína com as populações do sudeste asiático, e muitos voltaram da guerra dependentes. A droga teve seu auge anos 1970, mas se manteve esquecida nos anos 1980 e finalmente voltou a chamar a atenção dos especialistas nos anos 1990. O médico Thomas H. Maugh, em artigo para o jornal Los Angeles Times de 11/07/1997 afirma que o sul da Califórnia apresentou o maior índice de internações hospitalares por uso de heroína dos Estados Unidos na metade dos anos 90: foram 70% a mais do que na década de 1980. Segundo o médico, o preço relativamente baixo – se comparado com a cocaína – e a sensação de “prazer absoluto” que a droga proporciona são fatores que explicam esse uso crescente. Na última década a produção da droga teria dobrado, e o preço caído pela metade. Além disso, segundo o *National Institute on Drug Abuse* (NIDA)** , a heroína que está sendo utilizada agora é pelo menos três vezes mais

* I Levantamento domiciliar do uso de drogas no Brasil: www.justica.sp.gov.br/conen

** <http://www.nida.nih.gov>

pura do que a vendida há vinte anos atrás, e há um consenso generalizado – e errôneo – de que a droga fumada ou cheirada não tem poderes aditivos. Feita a partir da folha da papoula, a maior produção da droga ainda concentra-se na Ásia Central, principalmente no Afeganistão, país produtor de mais da metade de toda a heroína consumida no mundo.

Speed em alta – “Aqui vai uma coisa que seria muito crítica para o teu artigo: *Crystal Meth*”, fala Gene O. Ele se refere à metanfetamina, que acredita estar tirando o mercado da cocaína. “Há dez anos o *speed* era desconhecido e em baixa no mercado. Mas está super em alta agora.”, diz o ex-trafficante.

O motivo para essa “alta” do *speed*, segundo ele, seria a facilidade com que se obtém a droga, produzida em laboratórios de fundo de quintal espalhados país afora. “Ao contrário da cocaína, ela não tem ligação com o narcotráfico e países da América Latina”, tenta explicar Gene O. “Há tantas maneiras de se fazer essa droga, mas se feita corretamente, ela é imbatível”.

De acordo com a *Drug Enforcement Administration* (DEA)*, o governo federal norte-americano encontrou 1.879 laboratórios clandestinos de metanfetamina no estado da Califórnia no ano 2001. Ao contrário da explicação do ex-trafficante quanto à não-ligação das drogas sintéticas com o narcotráfico, a DEA afirma que os laboratórios de produção dessas drogas do sul da Califórnia pertencem, na sua maioria, à organizações mexicanas infiltradas nos EUA.

Gene O. conta por que acha que o *speed* tem conquistado uma porção de usuários de cocaína nos últimos anos: “Você cheira 20 dólares de cocaína, e daqui a quinze ou vinte minutos fica *down* (para baixo) e quer cheirar mais. Quando vê gastou 150 dólares numa noite, e para quê? Já o *speed*, você gasta 30 ou 40 dólares e ele te mantém acordado por dois ou três dias. É claro que a longo prazo também vai te destruir”.

* <http://www.usdoj.gov/dea>

“O *speed* é um estimulador sexual que ninguém pode negar”, continua. “É mais barato, não fode com o teu nariz, e te dá um efeito mais duradouro. Por que usar cocaína se você pode usar *speed*?” pergunta o ex-traficante, advertindo que ao mesmo tempo é preciso tomar cuidado com o que se toma: “Eu estava trancado com aqueles caras [na prisão] e sei como esse negócio [o *speed*] supostamente é feito, e eles usam de tudo. Pelo menos a cocaína é feita de uma planta, sabe. De uma folha. Deus fez a planta, cresceu do solo... O *speed* pode ser feito a partir de comida de galinha, de restos industriais, de tudo. Uma das melhores coisas que eu já provei tinha gosto de fluido para isqueiro e eu fiquei acordado por três dias”.

“Mas coca não é muito melhor”, continua. “Você gasta 100 dólares numa noite, estoura o seu cérebro de tanto cheirar e ainda não está feliz... é um barato diferente. As pessoas vão cada vez mais usar metanfetaminas, estou te dizendo.”

As especulações de Gene O. a respeito do futuro do *speed* têm algum fundamento. De acordo com o estudo *Monitoring the Future* de 2002*, o uso da metanfetamina aumentou em relação ao ano anterior: 9,8% dos alunos no último ano da High School declararam já ter feito uso da droga. Um número relativamente pequeno, se comparado com outras drogas mais “clássicas” como a maconha e a cocaína – esta experimentada por 11,2% dos alunos – mas significativo na medida em que o *speed* é uma droga associada à população branca, maioria absoluta entre os habitantes do sul da Califórnia; e à população jovem, portanto conquistando novos usuários todos os anos. A facilidade de acesso às drogas sintéticas nestes anos de repressão policial e nas fronteiras, com a “Guerra às Drogas”, também é fator que tem favorecido o crescimento do uso do *speed* entre alunos de colégio.

* <http://monitoringthefuture.org>

ENQUANTO ISSO, NA SALA DA JUSTIÇA...

David O. Carter nos recebe com uma caneca de café na mão e um sorriso maroto. Tem 58 anos de idade e impõe respeito, menos pela baixa estatura do que pela posição que ocupa: é um juiz federal.

Conhecido morador de Laguna Beach, David Carter exerce seu cargo vitalício – juízes federais são considerados grandes autoridades nos Estados Unidos, atrás apenas do presidente da República – no Tribunal Distrital de Orange County. No seu currículo estão casos como o da viúva milionária Anna Nicole Smith – sensação da imprensa americana em 2002 – e a condenação de um adolescente de 17 anos à pena de morte por assassinatos múltiplos em 1998. Em 2001, Carter conduziu um inquérito judicial de membros da máfia mexicana acusados de assassinato, extorsão e vários crimes relacionados às drogas, decretando prisão perpétua para 11 dos 12 membros da organização. Na época, precisou de proteção especial da polícia, porque recebeu ameaças de morte de pessoas ligadas à organização.

Nomeado pelo presidente Bill Clinton em 1998 para exercer a função no Tribunal Federal em Santa Ana, cidade vizinha, Carter chega na *Court House* às sete horas da manhã e trabalha o dia todo, indo embora entre seis e oito horas da noite. Nos finais de semana, trabalha metade do dia, contabilizando quase 70 horas semanais em que desempenha o papel de *Judge Carter*. Pai de seis filhos, ainda arranja tempo para ministrar um curso na Universidade de Los Angeles, uma noite por semana, sobre Narcotráfico Internacional e as leis que envolvem os crimes ligados à droga nos Estados Unidos.

Judge Carter é considerado uma autoridade no assunto, e em 1994 foi convidado pela Escola de Magistratura do Rio de Janeiro para vir ao Brasil dar uma conferência sobre Narcotráfico, cartéis sul-americanos de drogas e a política externa anti-drogas americana, da qual é fiel defensor. Sua palestra, com 32 páginas impressas, falou sobre os principais

cartéis de drogas da América Latina, citando extensivamente o de Medellín e o de Cáli, na Colômbia, e os esforços do governo americano no combate ao tráfico internacional. Deu ênfase ao papel dos juízes federais, à severidade das leis aplicadas na “Guerra às Drogas” e às políticas de “Tolerância Zero”.

Carter acredita que a realidade do narcotráfico mudou desde 1994, ano em que esteve no Brasil. “A violência aumentou nos cartéis colombianos. O cartel mexicano cresceu muito em poder nos últimos 10 anos, deixando de ser cartel de transporte de drogas para ser centro de produção e distribuição. O D.E.A. (*Drug Enforcement Agency*) ativou operações na América do Sul, com assessores americanos se envolvendo diretamente na América Latina”. Quanto às mudanças observadas por ele no uso de substâncias ilegais entre a população americana, ele afirma: “O uso de cocaína diminuiu, dando espaço para as *designed drugs* (drogas sintéticas), principalmente a metanfetamina (*speed*) e o ecstasy. A metanfetamina é uma droga de fabricação caseira, muito perigosa: você nunca sabe o que esperar e nunca vai encontrar o mesmo tipo de *speed* que usou da última vez.”

Carter tem opinião semelhante à do ex-traficante Gene O. a respeito do futuro do *speed*. Ele acredita que, com todo o investimento do governo americano no combate ao tráfico de drogas, principalmente a cocaína colombiana, o uso das drogas sintéticas tende a ficar cada vez mais popular, pela facilidade com que são obtidas. Fabricadas em laboratórios clandestinos dentro dos Estados Unidos – aqueles que, segundo o governo, pertencem às organizações mexicanas – as drogas sintéticas são mais baratas em comparação com a cocaína e a heroína, essas sim as grandes vilãs do narcotráfico internacional.

“O uso de ecstasy cresceu espantosamente, principalmente entre estudantes universitários. O LSD, por sua vez, não é uma droga muito usada, tem desaparecido gradualmente”, afirma Carter.

Apesar dos esforços do governo nesta guerra, a procura pela cocaína ainda é considerada muito alta, e Carter afirma que tem consciência disso. “O mercado da cocaína não existiria sem os EUA”, admite.

De fato, atualmente 80% de toda a produção da Colômbia é cheirada pelos EUA. O juiz afirma que eles têm consciência disso: “A posição dos EUA na Guerra às Drogas não é exclusivamente a de parar com o tráfico de narcóticos, mas combater a demanda. Esse é o motivo pelo qual não culpamos o mundo, mas olhamos para os nossos próprios problemas e investimos para resolvê-los”.

Muitos americanos, porém, têm contestado a legitimidade desta guerra de investimentos anuais bilionários na construção de mais cadeias, intervenções militares em países latino-americanos e programas de prevenção como o D.A.R.E., que têm se mostrado ineficazes. Mas Carter insiste que a guerra às drogas” tem obtido, sim, excelentes resultados práticos. “A ‘Guerra às Drogas’ é certamente valiosa, e necessária de ser travada. Já vencemos várias batalhas. Temos agora um balanço positivo entre oferta e demanda, na melhoria dos serviços públicos para a recuperação de drogados e nas campanhas preventivas nas escolas e na mídia. O caminho é longo mas me alegro em dizer que essa guerra pode ser e já está sendo vencida”.

Para ele, é preciso ainda buscar maior efetividade nas sentenças de prisão: “Nenhum usuário de drogas vai para um centro de reabilitação por opção própria, e sim como forma de não ir para a cadeia. Depois de liberado, volta ao consumo e aos roubos.” O juiz se refere às sentenças alternativas, quando a polícia dá ao usuário de droga a opção de não prendê-lo caso ele se comprometa a fazer um tratamento. Carter acredita que esse sistema não tem dado bons resultados e que a prisão ainda é a melhor maneira de manter um usuário de drogas pesadas longe das ruas e, com isso, prevenir futuros crimes para o sustento do vício.

O juiz acredita que algumas drogas estão deixando de ser populares por si mesmas, como a heroína. “O uso de seringas desfavoreceu o consumo dessa droga. Por causa do vírus HIV, a imagem do usuário injetando uma agulha no braço ficou ainda mais negativa na cabeça dos jovens. Por isso seu uso decresceu em relação a 25 anos atrás”. Ele acrescenta que a educação massiva anti-drogas e os *rock stars* da mídia têm ajudado a tornar as drogas menos glamourosas: “Nos anos 60 e 70, eles iam pra mídia fazer apologia do uso das drogas. Muitos morreram de overdose uns tempos depois, e os que estão vivos e ainda usam drogas não fazem mais essa apologia. Pelo contrário: a sociedade americana não aceita mais que os seus ídolos sejam usuários de drogas pesadas, e muito menos que façam campanha delas”.

Carter não concorda com a idéia de que o uso de drogas esteja necessariamente ligado à condição social das pessoas nos Estados Unidos. Assim como não acredita que o consumo de drogas seja maior na Califórnia do que em qualquer outro estado do país. “As drogas são oportunidades igualitárias. Se você e seus amigos vêm de famílias ricas, talvez possam comprar um pouco mais de droga, ‘festar’ mais forte. Mas eu não vejo o dinheiro como obstáculo para o uso de drogas. O uso é democratizado entre os jovens de todas as escalas sociais do país.” Comenta que o senso comum associa o uso de heroína à população negra, a cocaína à população hispânica (“a distribuição, porque o uso atravessa todas as linhas”) e a metanfetamina à população branca jovem. Segundo ele, isso não passa de uma “especulação com algum fundo de verdade”, mas muito generalizada e baseada em estereótipos. Para Carter, as drogas têm cruzado todas as barreiras sociais nos EUA e são utilizadas em menor ou maior escala por todas as etnias. “Temos visto jovens caucasianos ricos morrendo de overdose de heroína, e hispânicos residentes na América consumindo as drogas sintéticas em larga escala. Portanto não é mais possível classificar etnias e atitudes de acordo com o uso de drogas”, julga Carter.

CONVERSA PARA BRASILEIRO OUVIR

Na sua vinda ao Brasil em 1994, o juiz David Carter falou aos membros da Escola de Magistratura do Rio de Janeiro sobre o papel do Poder Judiciário nos casos de tráfico de drogas, segundo ele uma área complexa e às vezes perigosa para os oficiais públicos. Carter começou a palestra dizendo que, para entender o papel dos juizes no contexto em questão, é preciso que se compreenda os sucessos e os fracassos do governo norte-americano na chamada “Guerra às Drogas”: “Acredito que vocês serão mais sábios do que nós fomos, e, espero, evitem alguns dos nossos erros evidentes”, iniciou Judge Carter, dando a descrição de como ele enxergava o Brasil: “Vejo o Brasil como uma superpotência industrializada. Vocês são a 9ª. maior economia do mundo, com uma população de 155 milhões de pessoas. São os gigantes da América do Sul e uma superpotência mundial. E são também os campeões da Copa do Mundo!”. Reafirmou sua preocupação com o futuro das relações do Brasil com o narcotráfico internacional: “Os problemas que nossos juizes enfrentam hoje, na área de tráfico internacional de narcóticos, podem ser os seus problemas no futuro. Eu acredito que os juizes exerçam um tremendo poder pessoal e político. Nós podemos ser poderosos, mas essa força pode se voltar contra nós”.

Carter acredita que a maioria das nações do mundo vêem o tráfico de drogas como uma ameaça à sua soberania. “Não estou aqui para reafirmar os males dos narcóticos, mas compartilho dessas preocupações comuns à comunidade mundial”, disse. Segundo ele, um cartel de narcóticos organizado e poderoso precisa ter seu próprio poderio militar, mantido para impedir que os cartéis rivais roubem seu mercado e suas drogas, mas esta mesma força pode derrubar governos democráticos legítimos, e desestabilizar governos grandes e pequenos. “Um cartel de narcóticos poderoso permite que os criminosos subvertam o processo democrático, e lhes dá uma influência maior no governo através do uso da força e do dinheiro.” Carter acredita que um cartel poderoso substitui economias e legítima

indústrias e negócios. Na palestra, definiu o que são “cartéis”: “Organizações-núcleo de tráfico de drogas, que dominam múltiplas fases do tráfico, da produção à distribuição. Elas operam internacionalmente e freqüentemente comandam organizações subordinadas. Segundo ele, as organizações norte-americanas FBI (*Federal Bureau of Investigation*, agência do Departamento de Justiça Americano), DEA (*Drugs Enforcement Agency*) e CIA (*Central Intelligence Agency*, Agência Central de Inteligência americana) reconhecem 12 cartéis colombianos, um peruano, um equatoriano e um venezuelano.

Seguiu explicando o funcionamento deles, falando dos seus exércitos (“importantíssimos nas áreas de plantação de coca”), da maneira como a distribuição das drogas é realizada (“alguns cartéis se especializam no transporte”), da pressão que os casos relacionados com o tráfico de drogas exercem nos juízes (“Na Colômbia, vários juízes foram assassinados. No meu país, os casos relacionados às drogas constituem facilmente a metade dos casos criminais julgados pelas cortes estaduais e federais, nos obrigando a lidar com problemas de lavagem de dinheiro”), e, principalmente, da cooperação “mais que necessária” entre os países para o combate ao narcotráfico. Em outras palavras, disse que os países sul americanos devem colaborar com a política dos EUA na “Guerra às Drogas” deportando cidadãos envolvidos nos esquemas e liberando os registros bancários das quantias ilegais depositadas, advindas do tráfico.

“Os narcóticos seduzem cidadãos de bem e seguidores da lei a entrarem neste mundo, traficando por lucro. Esse dinheiro fácil é muito tentador para os jovens de nossos países que sonham com riqueza. Nossa nação tem experimentado esse processo. Nossos pobres têm se tornado as verdadeiras vítimas, porque muito da verba destinada a comida, vestuário e moradia tem sido gasta com drogas, geralmente em detrimento das suas famílias, inclusive crianças pequenas. Nosso governo, então, tem que aumentar os serviços de previdência para dar casa aos desabrigados e prevenir a fome, e isso tem resultado num aumento dos impostos pagos pelas classes média e alta.” O juiz afirmou que o índice de

criminalidade relacionado ao uso de narcóticos é de 80% nos Estados Unidos, e esses crimes – na sua maioria furtos, roubos e agressões – são geralmente cometidos nas regiões de moradia do usuário de drogas. “Foi preciso que houvesse um uso massivo dos nossos recursos e que a sociedade perdesse muito jovens para as drogas para que virássemos o jogo. Eu confio que vocês serão mais sábios do que nós fomos”, afirmou o juiz federal americano.

Carter fechou o discurso para os futuros juizes brasileiros admitindo que os EUA têm agido com certa prepotência no combate às drogas: “Se houve uma falha em nosso país, foi não termos sido ativos antes de os problemas dos narcóticos alcançarem proporções graves. Foi a nossa arrogância que nos fez acreditar que tínhamos todas as respostas. Foi também a falta de cooperação entre nossos estados e o governo federal. E foi também nossa falta de compreensão da comunidade mundial. É difícil confiar num *cowboy* que trota sozinho, mas que também quer que outros sejam seus parceiros”, concluiu Carter.

UM TROTAR SOLITÁRIO

Katchen Roberts, Jimmy Greaves, Brandon Hobart Jr., Jason Gieger, Christopher Orr, Zach Martinez, Gene O., David Carter: personagens desse recorte dado numa localidade no sul da Califórnia, Estados Unidos, onde as facilidades de um país desenvolvido e a busca pelo “artificial” das drogas – que o governo americano luta contra, mas o dinheiro do seu povo compra – é fator decisivo nas escolhas de vida dos cidadãos. É difícil prever o futuro do mercado consumidor de drogas no país de George W. Bush, e as conseqüências para as milhões de pessoas que fazem parte do sistema – principalmente os mais jovens, que em breve comandarão aquela que se diz a maior Democracia do mundo.

A Guerra às Drogas, em vigor há mais de trinta anos, não tem dado sinais de enfraquecimento: as leis, muitas delas jurássicas, tratam de caçar e punir devidamente aqueles que fazem uso das substâncias proibidas por lei nos Estados Unidos, e em quase todos os países do mundo. Mas o país de Bush não perdoa: ataca. Como na guerra contra o terrorismo, é preciso encontrar e punir aqueles que ameaçam a liberdade e a soberania do maior Império de que o mundo já teve notícia. Essa mentalidade entra em choque com aquela dos cidadãos pensantes que vêem algo de contraditório não só em Bush, mas no funcionamento da Democracia americana.

Quanto tempo a Guerra às Drogas vai resistir, entendida como solução para os problemas relacionados ao uso de entorpecentes no país que é o maior consumidor do mundo? Até quando a intervenção milionária nos países latino-americanos vai dar o tom desta guerra do “bem contra o mal” – transformando, mais uma vez, os EUA em “mocinhos do mundo”? São perguntas que não calam, e lembram muito as que nos sugere a outra guerra, que temos assistido ao vivo, via cabo: o que o futuro reserva a essas questões de intolerância, que nem os hippies dos anos de guerra, nem os apelos do capitalismo nos de paz conseguiram dar conta?

Talvez *Judge Carter* esteja certo: é difícil confiar em *cowboys* que trotam sozinhos.